

**IX CONGRESSO DE GESTALT-TERAPIA DO RIO DE JANEIRO**



***A Potência Política  
da Gestalt-Terapia***

**ANAIS DO CONGRESSO**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Congresso Estadual de Gestalt-terapia do Rio de Janeiro 2024 (9. : 2024 : Rio de Janeiro, RJ)  
Anais do IX Congresso Estadual de Gestalt-terapia do Rio de Janeiro 2024 [livro eletrônico] : subversão: a potência política da Gestalt-terapia / organização L. M. Bione, R. C. Oliveira Sá. -- Rio de Janeiro : Gestaltterapia Rio Organização de Congressos e Eventos, 2025.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-986395-0-1

1. Gestalt-terapia 2. Psicologia - Congressos  
3. Trabalhos científicos - Coletâneas  
I. Bione, L. M. II. Sá, R. C. Oliveira.  
III. Título.

25-255989

CDD-150.6

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicologia : Congressos 150.6

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



# ORGANIZAÇÃO



**ANA KARINA**



**ARIANE**



**LÍVIA**



**PAULI**



**REBECA**



**RENATA**



**TELMA**



# INFORMAÇÕES EDITORIAIS

## CURADORIA CIENTÍFICA DO CONGRESSO

Adriana Souza  
Bianca Lopes  
Deborah da Silva de Souza  
Diana de Almeida  
Érika Araújo  
Hugo Elídio Rodrigues  
Juliana Rangel Sabatini  
Laura Quadros

Lívia Bione  
Lucas Cardoso  
Patrícia Lima (Ticha)  
Paulo de Tarso  
Renata Oliveira  
Teresinha Mello

## APOIO E PATROCÍNIO



## EDIÇÃO GRÁFICA E ARTE

Ariane Lima Brito  
Rebeca Viana

## LOCAL DO EVENTO

Hotel Windsor Flórida  
Flamengo - RJ





# ÍNDICE

|                                                                                                                                                                                         |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>BORA TRABALHAR EM GRUPO?! GRUPOS TERAPÊUTICOS: A IMPORTÂNCIA DA PARTILHA COLETIVA</b><br>MARCIA NOLETO<br>VERONICA COUTINHO                                                          | <b>15</b> |
| <b>ÉTICA E NEOLIBERALISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES EM GESTALT-TERAPIA</b><br>GÉSSYCA ADRIANO DE SOUZA MARTINS<br>LUCAS CARDOSO DO AMARAL SOUZA                                        | <b>16</b> |
| <b>ATUALIZAÇÕES DA COMPREENSÃO DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS FEMININAS À LUZ DA GESTALT-TERAPIA: CONTRIBUIÇÕES DO CONCEITO DE TRIÂNGULO DA GESTALT COMO MATRIZ INTERATIVA</b><br>CARLA ALEGRIA | <b>18</b> |
| <b>AS TÉCNICAS EXPRESSIVAS, PROJETIVAS E INTEGRATIVAS COMO FERRAMENTAS ÉTICAS NO ATENDIMENTO DE ADOLESCENTES</b><br>DENISE CONCEIÇÃO PARANHOS PAIXÃO                                    | <b>20</b> |
| <b>AS MARGENS QUE BANHAM O CENTRO: APONTAMENTOS PARA UMA GESTALT-TERAPIA INCONVENIENTE</b><br>KAMILLA VALENTIM, ARIANE LIMA DE BRITO<br>KAHUANA CAROLINA LEITE E PAULO MUNIZ            | <b>21</b> |

|                                                                                                                                                                                        |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>A NOÇÃO DE PRESENÇA NO CORPO CONCEITUAL DA GESTALT-TERAPIA: UMA PESQUISA DE ESTADO DA ARTE E REVISÃO SISTEMÁTICA</b><br>REBECA FERREIRA VIANA<br>MONICA BOTELHO ALVIM               | <b>23</b> |
| <b>PSICOLOGIA ESCOLAR CRÍTICA COMO BRECHA DE SUBVERSÃO: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA</b><br>LUIZA GULLINO                                                                     | <b>24</b> |
| <b>SEGREDOS NA PSICOTERAPIA DE GRUPO: PARA QUE ABRIR A CAIXA DE PANDORA</b><br>SANDRA SALOMÃO CARVALHO<br>PEDRO FABIANO ALVES CUNHA                                                    | <b>26</b> |
| <b>OS PRECONCEITOS DO TERAPEUTA: AMPLIAÇÃO DE AWARENESS</b><br>ROBERTA GUILHERME MASSOT ROBERTO<br>PEDRO FABIANO ALVES CUNHA                                                           | <b>27</b> |
| <b>O QUE REFLETE NO SEU ESPELHO? O AMOR DE OXUM COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO</b><br>LORRAINE RODRIGUES DA COSTA                                                                        | <b>28</b> |
| <b>A PRÁTICA DOS RITUAIS COMO FERRAMENTA DE MOVIMENTO CLÍNICO-SOCIAL</b><br>VIVIAN CRISTINE MACHADO<br>SANDRA SALOMÃO CARVALHO                                                         | <b>29</b> |
| <b>VIRANDO O MUNDO DE CABEÇA PARA BAIXO: A CLÍNICA COM ADOLESCENTES E JOVENS HOJE</b><br>ERIKA DA SILVA ARAUJO<br>LAURA CRISTINA DE TOLEDO QUADROS                                     | <b>30</b> |
| <b>GESTALT-POESIA - PERCURSOS CRIATIVOS PARA A PRÁTICA CLÍNICA E A CONSTITUIÇÃO DE GESTALT-TERAPEUTA</b><br>JAKÊNIA NASCIMENTO                                                         | <b>31</b> |
| <b>EROTISMO E SUBVERSÃO NAS RELAÇÕES AMOROSAS DURADOURAS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS TRANSGRESSORES: UMA PAUTA SILENCIOSA</b><br>TERESINHA MELLO DA SILVEIRA<br>DANIELA MAGALHÃES DA SILVA | <b>32</b> |
| <b>O FUTURO DO CUIDADO</b><br>ALEXANDRA TSALLIS<br>MARIA DAS GRAÇAS GOUVÊA NECO DA SILVA<br>LUCIANA LOYOLÁ MADEIRA SOARES<br>PATRÍCIA ALBUQUERQUE LIMA                                 | <b>35</b> |



|                                                                                                                                                                                                                                       |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>ARTE E ARTESANIA NA GESTALT-TERAPIA COM CRIANÇAS NA CONTEMPORANEIDADE COMO MODO DE SUBVERSÃO</b><br>LUCIANA LOYOLA MADEIRA SOARES                                                                                                  | <b>38</b> |
| <b>A EXPERIÊNCIA COM GRUPOS DE MÃES EM DIFERENTES CONTEXTOS NO OLHAR DA GESTALT-TERAPIA</b><br>SILVANA TERESINHA AREND; PATRICIA VALLE DE ALBUQUERQUE LIMA; MAYARA SILVA CARVALHO; JOANA FALCO LEÃO OLIVEIRA LETÍCIA TOLEDO DE MORAIS | <b>39</b> |
| <b>A MASTIGAÇÃO GRUPAL: O PROCESSO DO GRUPO COMO UM RECURSO PARA A ELABORAÇÃO DE INTROJEÇÕES</b><br>PEDRO CUNHA                                                                                                                       | <b>40</b> |
| <b>AS EXIGÊNCIAS NEOLIBERAIS PARA O PSICOTERAPEUTA NA CONTEMPORANEIDADE. OS DESAFIOS E RISCOS À SENSIBILIDADE E AUTENTICIDADE DA PRÁTICA CLÍNICA</b><br>AMANDA MELLO ANDRADE                                                          | <b>41</b> |
| <b>SOFRIMENTO PSICOLÓGICO E CONTEXTO SOCIAL: COMPREENDENDO A DEMANDA POR ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NA CLÍNICA SOCIAL.</b><br>TAIS FIGUEREDO BRASIL<br>MARIA DAS GRAÇAS GOUVÊA NECO DA SILVA                                             | <b>42</b> |
| <b>A FORMAÇÃO CRÍTICA DO GESTALT-TERAPEUTA COMO FORMA DE SUBVERSÃO: O TRIPÉ FORMATIVO</b><br>SANDRA SALOMÃO CARVALHO                                                                                                                  | <b>43</b> |
| <b>A IMPORTÂNCIA DA GESTALT-TERAPIA PARA A FORMAÇÃO DE UMA CLÍNICA DE ARTESANIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA</b><br>ANA CAROLINA DA SILVA CAVALCANTE; JULIANA ANDRADE LAURA TOLEDO QUADROS; LORRANA REIS RIBEIRO                        | <b>44</b> |
| <b>CRIATIVIDADE PARA EDUCAÇÃO (DO) SENSÍVEL COM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA</b><br>NATHALY MARIA FERREIRA NOVAES                                                                                                  | <b>45</b> |
| <b>COMPARTILHANDO SENTIMENTOS, AFIRMANDO A VIDA: O TECER GESTÁLTICO NA TROCA COM UM GRUPO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO E MIGRAÇÃO</b><br>ANA CAROLINA DA SILVA CAVALCANTE<br>LAURA CRISTINA DE TOLEDO QUADROS                   | <b>46</b> |
| <b>OUTRAS HISTÓRIAS DO TRANSTORNO BIPOLAR DE HUMOR: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E CONTADAS POR QUEM AS VIVE. CENAS E NARRATIVAS COSTURADAS COM A TEORIA ATORREDE</b><br>DANILLA CAMARA FERREIRA                                              | <b>47</b> |

|                                                                                                                                                                                                                      |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>CRIATIVIDADE PARA EDUCAÇÃO (DO) SENSÍVEL COM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA</b><br>NATHALY MARIA FERREIRA NOVAES                                                                                 | <b>48</b> |
| <b>SUPERVISÃO CLÍNICA EM GESTALT TERAPIA: TECENDO EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO</b><br>LÍVIA BIONE; HELENA JORNES LONGO SARAIVA; PÂMELA DINIZ SILVA                                                                        | <b>49</b> |
| <b>OUTRAS VERSÕES DE MUNDO: O LABORATÓRIO GESTÁLTICO SUBVERTENDO A ORDEM NA ACADEMIA</b><br>ELEONORA T. PRETELO; ANA BEATRIZ D. PACHECO; LAURA CRISTINA DE T. QUADROS E PEDRO H. A. DA SILVA                         | <b>50</b> |
| <b>UM CAMINHO AUTORAL NA COCRIAÇÃO DE UM NOVO TERRITÓRIO</b><br>ROSANE DE FÁTIMA COSTA PIMENTEL<br>SUELI BARBORA DO NASCIMENTO                                                                                       | <b>53</b> |
| <b>CORPO-SELF-POIÉSIS E MUSICOPOIÉSIS: SUBVERSÕES ESTÉTICO-POLÍTICO CORPORAIS EM GESTALT-TERAPIA E NIETZSCHE</b><br>PAULO DE TARSO DE CASTRO PEIXOTO MODA NUNES                                                      | <b>54</b> |
| <b>TECENDO MANDALAS E TEANDO POSSIBILIDADES: A POTÊNCIA DA MANUALIDADE</b><br>DÉBORA RIEVRS NOGUEIRA CARVALHO                                                                                                        | <b>55</b> |
| <b>(DES)COBRIR O CORPO COM A DANÇA DOS SETE VÉUS: COMO A DANÇA DO VENTRE NOS (CO)MOVE? PERCEBENDO AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS COM OS VÉUS EM MOVIMENTO</b><br>DANILLA CAMARA FERREIRA                                    | <b>56</b> |
| <b>VIDA QUE DESGASTA X VIDA QUE CUIDA: CORPO E IMAGEM NA INTEGRAÇÃO DE POLARIDADES COM SUPORTE ARTÍSTICO COMOCONDUTOR DO CONTATO</b><br>VERONICA OTERO                                                               | <b>57</b> |
| <b>PARA FAZER EXISTIR O ANTES: GESTALT-TERAPIA NO BRASIL ANTROPÓFAGO</b><br>ALEX PEDRO SILVA                                                                                                                         | <b>58</b> |
| <b>TRANSCENDENDO AS VELHAS DICOTOMIAS: GESTALT-TERAPIA, ARTE E CUIDADO ATRAVÉS DO PROJETO COMTEXTOS</b><br>LAURA CRISTINA DE TOLEDO QUADROS E PEDRO SILVA                                                            | <b>59</b> |
| <b>GRUPOS REFLEXIVOS PARA PESSOAS IDOSAS: IDEIAS E DESAFIOS RELATO DAS EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE GRUPOS REFLEXIVOS PRESENCIAIS COM PESSOAS IDOSAS</b><br>ALESSANDRA CARNEIRO DA SILVA E CARLA SOUSA SILVA REICHELT | <b>60</b> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                      |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>SOBRE DEIXAR DOER: O PROTAGONISMO DA DOR NA VIDA VIVIDA</b><br>LUCAS CARDOSO DO AMARAL SOUZA                                                                                                                                                                      | <b>61</b> |
| <b>DISPOSITIVOS E FENÔMENOS DA CRISE CLIMÁTICA. CONTRIBUIÇÕES DA GESTALT TERAPIA ENCARNADA NO CAMPO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA</b><br>AMANDA MELLO ANDRADE                                                                                                                | <b>62</b> |
| <b>AFETAÇÕES, CONFUSÕES E SUPOSTOS ENCONTROS IMPERFEITOS NAS FRONTEIRAS DE CONTATO COM PACIENTES BORDERLINE</b><br>FLÁVIO SAGNORI MOTA; ANA BEATRIZ MONTICO ABRANCHES<br>MAIA DE LOUREIRO; MARIA DAS GRAÇAS GOUVÊA N. SILVA<br>VERONICA OTERO BRITTO PASSOS PINHEIRO | <b>63</b> |
| <b>RETROFLEXÕES NOS AJUSTAMENTOS DE HOMENS GAYS CIS: DIÁLOGOS ENTRE A TEORIA DE ESTRESSE DE MINORIA E A GESTALT-TERAPIA</b><br>FLÁVIO SAGNORI MOTA                                                                                                                   | <b>64</b> |
| <b>SER DIFERENTE É NORMAL: O BULLYING NAS ESCOLAS COMO UM AJUSTE CRIATIVO DISFUNCIONAL</b><br>JÉSSICA CAMELO                                                                                                                                                         | <b>65</b> |
| <b>GESTALT ARTESANAL NA CLÍNICA E NA PESQUISA: COSTURAS COM TAR E GESTALT-TERAPIA</b><br>LAURA CRISTINA DE TOLEDO QUADROS                                                                                                                                            | <b>66</b> |
| <b>PERDOANDO DEUS: UM CONTO CLARICIANO PARA A VIVÊNCIA CLÍNICA</b><br>LUCAS CARDOSO DO AMARAL SOUZA E RENATA FERREIRA DE AZEREDO                                                                                                                                     | <b>68</b> |
| <b>NÃO SOU DA PAZ - MONÓLOGO TEATRAL E DEBATE SOBRE VIOLÊNCIA ARMADA</b><br>JAKENIA NASCIMENTO<br>THAMIRIS CARLOS DE SOUZA                                                                                                                                           | <b>69</b> |
| <b>FAMÍLIA, AMOR E (NÃO) MONOGAMIA</b><br>GABRIEL CAUMO                                                                                                                                                                                                              | <b>70</b> |
| <b>O TAO DO SELF: CONTATOLOGIA E A ETOLOGIA PERIPATÉTICA DOS CONTATOS</b><br>O DE TARSO DE CASTRO PEIXOTO MODA NUNES                                                                                                                                                 | <b>72</b> |



|                                                                                                                                                                                                           |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>CORPOS ALHEIOS À RÉGUA DE GÊNERO: ESPAÇO-TEMPO DA NÃO-BINARIEDADE E GESTALT-TERAPIA</b><br>TATIANA CAMPBELL                                                                                            | <b>73</b> |
| <b>TEORIA DO SELF, FRONTEIRA DE CONTATO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO</b><br>FLAVIA SILVA                                                                                                                         | <b>76</b> |
| <b>O QUE PODE SIGNIFICAR O LADO DE FORA NA GESTALT-TERAPIA: MARIA CRISTINA FRASCAROLI (TSALLIS) HOJE</b><br>ALEXANDRA CLEOPATRE TSALLIS                                                                   | <b>77</b> |
| <b>ENTRE DUREZAS E SUAVIDADES: PENSANDO COMPREENSÕES DE DESENVOLVIMENTO E SUAS INFLUÊNCIAS NO MANEJO CLÍNICO EM GESTALT-TERAPIA</b><br>VANESSA RIBEIRO DE OLIVEIRA<br>DENISE CONCEIÇÃO PARANHOS DA PAIXÃO | <b>78</b> |
| <b>O ENCONTRO CLÍNICO MARCADO PELA DIFERENÇA RACIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES</b><br>EDUARDO CREMER                                                                                                       | <b>79</b> |
| <b>MÃES SEMNOME: UM ABRIGO PARA O LUTO MATERNO</b><br>MARIA LAURA DO AMARAL BALDASSARI<br>MÁRCIA NOLETO; NATÁLIA SPERANÇA DE MORAES MELL                                                                  | <b>80</b> |
| <b>MAIS QUE PALAVRAS: A EXPERIMENT-AÇÃO DO DIÁLOGO E DO SILÊNCIO NA CLÍNICA DA GESTALT-TERAPIA</b><br>EDUARDO DE SEQUEIRA CREMER<br>JESSE GUIMARÃES DA SILVA                                              | <b>82</b> |
| <b>CABELO É CORPO: DORES E ATRAVESSAMENTO DAS MULHERES NEGRAS NA VIVÊNCIA DA ACEITAÇÃO DO PRÓPRIO CABELO</b><br>MARIANA LIRA DÁLIA                                                                        | <b>83</b> |
| <b>GESTO: VERBO CORPORAL, EXPRESSÃO, NARRATIVA CORPORIFICADA</b><br>FLAVIA SILVA                                                                                                                          | <b>84</b> |
| <b>LUTOS INVISIBILIZADOS: DA FRONTEIRA COLONIZADORA À PRÁTICA DA ALTERIDADE</b><br>VIVIAN CRISTINE MACHADO                                                                                                | <b>85</b> |

|                                                                                                                                                                                                                        |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO COMO SISTEMA DE CRENÇAS E INTROJETOS: UMA INTERFACE ENTRE A PSICOLOGIA SOCIAL E A GESTALT-TERAPIA</b><br>VANESSA DOS SANTOS SILVA BRITO<br>JÚLIA ARRIGHI CAIAFFA MENDONÇA PERILLO DE FREITAS | <b>86</b> |
| <b>INTROJEÇÃO E PESSOAS LGBT: NORMAS HEGEMÔNICAS E SENTIMENTO DE INADEQUAÇÃO</b><br>VINÍCIUS MENDONÇA LIMA                                                                                                             | <b>87</b> |
| <b>CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CUIDADO: CAMINHOS TECIDOS GESTÁLTICAMENTE NUM GRUPO DE JOVENS MULHERES</b><br>LAURA CRISTINA DE TOLEDO QUADROS<br>LORRANA REIS                                                               | <b>88</b> |
| <b>#PRALERCMG - GRUPOS DE LEITURA COMO ATO POLÍTICO</b><br>VERONICA OTERO                                                                                                                                              | <b>89</b> |
| <b>O FAZER GESTÁLTICO NO ATENDIMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR</b><br>RALINE DOS SANTOS DE QUEIROZ                                                                                     | <b>91</b> |
| <b>NASCE UMA FLOR NO CONCRETO: O TRABALHO DE SENSIBILIZAÇÃO DA GESTALT-TERAPIA EM AMBIENTE DE DISCIPLINA MILITAR</b><br>GÉSSYCA ADRIANO DE SOUZA MARTINS                                                               | <b>92</b> |
| <b>SONHOS SUBVERSIVOS DO AUTOCUIDADO: O CONTEXTO DA MULHER PERIFÉRICA NOS TERRITÓRIOS VULNERABILIZADOS</b><br>JÉSSICA CAMELO                                                                                           | <b>93</b> |
| <b>ANTIMANUAL DE PSICOPATOLOGIA ESTÉTICA - DECOLONIZAR PERCEPÇÕES, ACOLHER A DIFERENÇA E RESISTIR</b><br>MÔNICA BOTELHO ALVIM; JEAN-MARIE DELACROIX<br>PAULO DE TARSO DE CASTRO PEIXOTO                                | <b>94</b> |
| <b>PORANDUBAS RODAS DE COMPARTILHAMENTOS APRESENTAÇÃO</b>                                                                                                                                                              | <b>97</b> |
| <b>PORANDUBA DESANA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA</b><br>POR SELMA CIORNAI                                                                                                                                                | <b>98</b> |

**PORANDUBA KAIAPÓS - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**  
POR ELEONÔRA TORRES PRESTRELO

**99**

**PORANDUBA TAULIPANG UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**  
POR PAULA NASCIMENTO

**100**

**PORANDUBA WAIJÃPI - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**  
POR JESSÉ GUIMARÃES DA SILVA

**101**

## **NOTA DE RESPONSABILIDADE**

Os resumos apresentados neste volume são de inteira responsabilidade de seus autores, incluindo aspectos como ortografia, coerência conceitual, organização do conteúdo e fluxo textual.

A Comissão Organizadora não realizou revisão editorial dos textos, preservando assim a autoria integral das ideias e formas de expressão.



**EIXO TEMÁTICO:  
A EPISTEMOLOGIA COMO  
SUBVERSÃO**

# BORA TRABALHAR EM GRUPO?! GRUPOS TERAPÊUTICOS: A IMPORTÂNCIA DA PARTILHA COLETIVA

MARCIA NOLETO  
VERONICA COUTINHO

Visando nos articular com o tema da subversão como um ato político potente no exercício terapêutico de abordagem gestáltica, escolhemos falar da importância do trabalho de grupo, entendendo que, quando os seres humanos se unem com um mesmo propósito, estes podem executar grandes revoluções. Podemos dizer que “a terapia de grupo é um fórum para a mudança” (VINOGRADOV; YALOM, 1992, p.35) e estar em grupo é uma experiência que nos é familiar desde o momento em que nascemos. É a partir dessa vivência primeva que ampliamos nossas relações afetivas e percebemos outros modos pensar o mundo. “Muitas das mais intensas emoções humanas surgem durante a formação e o rompimento de vínculos emocionais” (BOWLBY, 1990, p.65). Logo, o primeiro objetivo desse trabalho é afirmar a potência do trabalho terapêutico de grupo. Esta modalidade proporciona uma escuta recíproca, favorece as relações interpessoais e alivia o estresse emocional causado por eventos traumáticos. Quando nos defrontamos com as experiências alheias, adquirimos a capacidade de exercitar “os processos de negociação de sentidos” (GUANAES, 2006, p.17). Se o ato da subversão é o de derrubar ideias, podemos dizer que o trabalho de grupo é subversivo no sentido de que ele pode ser agente de insubordinação às crenças limitantes. Logo, o segundo objetivo deste trabalho é o de entender nossa capacidade de enfrentamento e rearticulação com a vida a partir grandes crises. O workshop sugerido é constituído por seis dinâmicas inéditas, fruto do trabalho realizado ao longo dos 13 anos de existência do grupo Mães Semnome, voltado para mães enlutadas. O grupo atende mulheres de todas as partes do Brasil e do exterior oferecendo encontros gratuitos. “Seu compromisso é com a compreensão da experiência humana e com o reconhecimento da legitimidade da dor daquele que a sente. Busca-se, nesse exercício, novos modos de rearticulação por meio de brechas e de rotas de fuga que a vida vai nos apresentando”. (NOLETO, 2023, p.82).

**Palavras-chave:** Dinâmica, grupo, rearticulação, vida, potência.

# **ÉTICA E NEOLIBERALISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES EM GESTALT-TERAPIA**

GÉSSYCA ADRIANO DE SOUZA MARTINS  
LUCAS CARDOSO DO AMARAL SOUZA

Pensar o tema subversão enquanto potência política da abordagem gestáltica desvela uma série de desdobramentos que apontam para enlaces teórico-metodológicos entre o pensar e o fazer que compõem a abordagem. Nesse rico e múltiplo trâmite de possibilidades, há um fio que deveria ser não apenas integrativo, mas norteador de nossas práticas: a ética. Habilitar uma prática que pense a ética como base é um desafio importante nos tempos atuais. Pensar em ética numa sociedade absorvida por um neoliberalismo voraz e violento é, por si só, um gesto de subversão. A inserção dessa postura ética no espaço das práticas em Psicologia, em específico da Gestalt-terapia clínica, é o desafio proposto aqui. É importante pensar a prática de uma política plural e acolhedora que confirme, valorize e incentive a alteridade e as múltiplas expressões do ser. Assim, a proposta não é uma avaliação ou transmissão pedagógica da ética na Psicologia e do código que a norteia, mas sim a possibilidade de pensar a subversão como ética. A práxis contemporânea na Psicologia clínica está altamente contaminada por ideais de produtividade, consumo, causalidade, patologização da vida cotidiana e imersa numa onda tóxica de positividade e positivismo. O exercício ético da Gestalt-terapia deve subverter a essa onda e retomar suas origens teórico-metodológicas outrora propagadas por seus fundadores e percussores. Em Gestalt-terapia há noções e conceitos que são, por si só, subversivos. Uma noção única de indivíduo e mundo que é integralista, uma concepção de saúde e doença que respeita as polaridades que compõem o organismo, a possibilidade de autorregulação dos seres, a valorização dos rituais, o acolhimento da totalidade do ser e de suas diferentes formas de expressão; enfim, são inúmeros os exemplos que apontam para a necessidade de pensar uma prática gestáltica que seja costurada por uma noção particular de ética. Destarte, a proposição aqui apresentada circula em torno da possibilidade de pensar a ética na clínica gestáltica dentro de um contexto de extrema dinâmica neoliberal, trazendo um novo olhar – ou talvez revisitando um olhar que pode ter se perdido – à figura da ética profissional. O curso (aprofundamento intermediário) proposto será subdividido em quatro eixos. Inicialmente, será apresentada uma introdução correlacionando a ética à subversão num contexto gestáltico. Num segundo momento, a proposta é apresentar recortes do código de ética profissional do psicólogo, promovendo um espaço para debate de temas a partir de exemplos de situações reais. Na

sequência, o curso passará a debater a ética sob a estética tão própria e única da Gestalt-terapia. Para finalizar a proposta, intencionamos um bloco temático que discorrerá sobre protocolos e angústias que participam do “como fazer?” dentro da clínica. Nesse momento final, temas como divulgação, clínica social, clínica infantojuvenil, especialidades/especialismos, pluralidades, entre outros serão abordados.

**Palavras-chave:** Ética, Gestalt-terapia, Neoliberalismo, Subversão, Psicologia

## **ATUALIZAÇÕES DA COMPREENSÃO DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS FEMININAS À LUZ DA GESTALT-TERAPIA: CONTRIBUIÇÕES DO CONCEITO DE TRIÂNGULO DA GESTALT COMO MATRIZ INTERATIVA**

CARLA ALEGRIA

O objetivo deste minicurso é apresentar a minha leitura da compreensão das disfunções sexuais femininas à luz da Gestalt-terapia. Para esse fim, apresento: a contribuição de Salonia (2013) na sua revisão da teoria do desenvolvimento em Gestalt-terapia, trazendo a perspectiva do triângulo da Gestalt; a visão do ciclo de resposta sexual feminino concebido por Basson (2004), associado ao suporte teórico do ciclo de contato como apresentado por Zinker (2007); uma visão das disfunções sexuais, também apoiada no ciclo de contato. O trabalho com pacientes com disfunções sexuais requer uma retirada do foco no sintoma, incluindo a atenção para este no sentido de desenvolver awareness e ampliar o contato com o corpo, favorecendo uma intimidade com ele, descobrindo sensações de prazer e a consciência das formas de bloqueio do excitamento por meio de tensões musculares. Para além do foco no sintoma, entendo ser necessário um encontro com a história de contato das relações de maior intimidade física, que são as relações primárias com nossos pais. Nesse sentido, trago as contribuições do conceito de triângulo da Gestalt. Desenvolvo o minicurso, seguindo algumas etapas, mas dando destaque inicial a esse aporte teórico. Apresento a perspectiva de desenvolvimento baseada no triângulo gestáltico oferecida por Salonia (2013), que expressa uma epistemologia centrada na coparentalidade e como essas relações se autorregulam, contribuindo para um padrão de interação físico e afetivo que se desdobra na intimidade adulta. Segundo o autor, quando o triângulo afetivo pai-mãe-filho deixa de ser criativo e funcional, há um comprometimento na identidade relacional. Além disso, trago uma concepção do nascimento do prazer sob a visão de Gilligan (2003), ao sugerir que temos um mapa na forma de uma velha história, que começa nos relacionamentos em nossas primeiras experiências de amor, e o que vamos vivenciar como amor na vida adulta, assim como o prazer se ajusta a esse mapa. A essa visão, adiciono a noção de erotismo baseada no entendimento de Perel (2007), ao conceber o erotismo como expressão potencial da busca deliberada de prazer. Com base nesses pressupostos teóricos e nas influências dos condicionamentos culturais, ofereço uma proposta de compreensão da matriz afetiva e física das disfunções sexuais femininas.



Apoiando-me na concepção do ciclo de resposta sexual feminino proposto por Basson (2004), ao sustentar que o desejo espontâneo não é o principal motivo para atividade sexual feminina, mas, sim, o aspecto responsivo do desejo, desenvolvo uma apresentação desse modelo e de suas disfunções. Por fim, buscando favorecer a compreensão do ciclo de resposta sexual, à luz da Gestalt-terapia, proponho uma leitura dessa visão do comportamento sexual feminino e suas disfunções, com base no ciclo de contato proposto por Zinker (2007). As contribuições oferecidas neste curso serão mais bem aproveitadas para os participantes que estiverem em nível intermediário e avançado.

**Palavras-chave:** Disfunções sexuais femininas, triângulo da Gestalt, ciclo de contato da resposta sexual

# **AS TÉCNICAS EXPRESSIVAS, PROJETIVAS E INTEGRATIVAS COMO FERRAMENTAS ÉTICAS NO ATENDIMENTO DE ADOLESCENTES**

DENISE CONCEIÇÃO PARANHOS PAIXÃO

A pluralidade social, racial, étnica, econômica, religiosa, de orientação e de gênero confere inúmeras articulações da forma de ser e existir como adolescente (Ministério da saúde, 2010). Trabalharemos a adolescência a partir das experiências da pessoa no seu contexto histórico e social, e das possibilidades existenciais reveladas no contato organismo/ambiente. Dando visibilidade e validação dos seus ajustamentos criativos frente a conflitos que sinalizam necessidades (Paixão, 2019). Muitos apresentam dificuldade para fazer contato, na busca de fortalecimento do seu senso de self (Oaklander, 2022). As intervenções não buscam que o adolescente apresente conteúdos que não está à vontade para expressar. A vivência das propostas, a partir da experimentação do corpo, dos sentidos, das emoções e da cognição num campo de segurança, favorece a consciência de apoios. Para Antony (2012) as técnicas expressivas e projetivas pertencem a todas as teorias, e a Gestalt-terapia inclui as técnicas integrativas. E nas nossas bases epistemológicas, experimentação que surge na relação dialógica, que busca apontar e sublinhar o que está presente no momento (Juliano, 1999). O objetivo será apresentar e experienciar técnicas facilitadoras na construção da identidade do adolescente, com suas experiências como base para a representação de quem é (Brito, 2017). A experimentação expressiva, apoiando o contato com as fronteiras de exposição, do corpo, de valor, familiaridade e exposição. A projetiva, promovendo o contato com introjetos, com o trabalho metafórico. E a integrativa favorecendo o suporte para a aceitação de si de forma mais integrada e menos polarizada. Essa organização é didática, pois experimentos não guardam previsibilidade e separação. Favorecem a awareness dos apoios individuais e ambientais (incluindo os familiares) para que o adolescente possa ajustar-se criativamente frente às necessidades a cada momento.

Os recursos materiais de música, figuras, papel, canetas coloridas, massa para biscoito e cartas serão providenciados pela autora, sendo necessária sala para no máximo 20 pessoas, com espaço para sentar no chão, com aparelho de som e datashow.

Palavras-chave: Adolescências; experimentação; senso de self; apoios; técnicas.

# **AS MARGENS QUE BANHAM O CENTRO: APONTAMENTOS PARA UMA GESTALT- TERAPIA INCONVENIENTE**

KAMILLA VALENTIM  
ARIANE LIMA DE BRITO  
KAHUANA CAROLINA LEITE  
PAULO MUNIZ

A partir da obra artística de Albarte “margens que banham o centro”, trazer as discussões de cada trabalho como perspectivas das margens para incomodar, subverter e desobedecer uma Gestalt-terapia pretensiosamente universal. A mesa irá percorrer trabalhos que abordam a arte negra favelada e periférica, a raiva em mulheres negras como fenômeno de campo, tensionamentos epistemológicos a partir de estudos queer e letramento racial a partir da literatura de mulheres negras. O fio condutor de nossos trabalhos é discutir teoria e clínica em Gestalt-terapia, numa perspectiva situada, pensada e dialogada a partir de nosso território e que considere vozes e escritas que são majoritariamente invisibilizadas em espaços de produção de conhecimento por processos violentos e sistemáticos de apagamento. O nosso intento é afirmar possibilidades de caminhar pelas brechas, na fenda das normatividades e propor uma Gestalt-terapia que acreditamos possível. 1) Raiva em mulheres negras como figura: que sociedade é esta que compõe esse fundo? Vamos dialogar sobre como as sociedades modernas, fundadas na colonialidade, atribuem características negativas às mulheres negras de modo a aprisioná-las em estereótipos e justificar posições de subalternidade desses sujeitos. Alguns desses estereótipos, como o da “mulher negra raivosa”, alimentam no imaginário social uma ideia de que mulheres negras são “naturalmente” raivosas, como se fosse da essência delas essa característica, sem qualquer relação com o meio em que vivem. A Gestalt-terapia enquanto abordagem psicológica, entende que qualquer emoção, emerge no campo relacional organismo-ambiente, sendo assim não é possível essencializar as emoções afirmando que elas “pertencem” ao modo de ser de cada um. A raiva em mulheres negras se constitui como um fenômeno de campo que é sustentado por estruturas de poder, como o racismo e o machismo, que produzem desigualdade e violência. 2) Letramento Racial e literatura produzida por mulheres negras: Um convite à branquitude para Sentir Início este trabalho destacando a importância dos escritos literários no processo de reconhecimento da minha branquitude. Ressalto a literatura como instrumento de ensino sobre o mundo e as pessoas, valorizando a literatura não apenas como fonte de entretenimento, mas como uma ferramenta que pode desempenhar um papel fundamental na autoconsciência e na reflexão sobre privilégios e identidade racial, contribuindo para um maior

e periferias, às margens da cidade. A arte criada por pessoas que vivem nesses espaços se desvela como uma das formas de desobediência ao racismo em suas mais diferentes faces, questionando os instrumentos de uma branquitude que provoca constantes conflitos entre uma suposta parte legal da cidade diante de outra ilegal. Sob a perspectiva da Gestalt-terapia, esse movimento artístico, descrito por crialismo, já nasce decolonial por buscar agredir e transgredir uma norma racista para resgatar uma integração possível no campo organismo/ambiente. Tal retomada faz emergir uma outra perspectiva que rejeita um olhar branco racista, considerando os territórios marginais não mais como o lugar da morte, mas o da vida.

**Palavras-chave:** Fronteira de contato, Campo organismo-ambiente, Agressão, Normatividades, Branquitude

## A NOÇÃO DE PRESENÇA NO CORPO CONCEITUAL DA GÊSTALT-TERAPIA: UMA PESQUISA DE ESTADO DA ARTE E REVISÃO SISTEMÁTICA

REBECA FERREIRA VIANA  
MONICA BOTELHO ALVIM

Este trabalho apresenta o resultado da pesquisa de mestrado de Viana (2020), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ sob a orientação de Mônica Alvim, que investiga a noção de presença em artigos brasileiros de Gestalt-terapia, utilizando métodos Estado da Arte e Revisão Sistemática. A amostra resultou em 115 artigos, compostos a partir de pesquisa no Google Acadêmico, com os descritores “presença” e “Gestalt-terapia”, tendo como critério de seleção artigos científicos, indexados, gratuitos, em português, que tratam da noção de presença na Gestalt-terapia e publicados entre 1996 e 2019. A Revisão Sistemática identificou 4 principais categorias nas quais a noção de presença é utilizada na amostra: 1. Atributo que qualifica a atitude do terapeuta 2. Atributo que qualifica a relação terapêutica, 3. Atributo que auxilia na construção de outros conceitos da Gestalt—terapia e 4. Atributo que qualifica modo de ser e estar no mundo. A pesquisa confirmou que a noção de presença, embora não seja formalmente um conceito da Gestalt-terapia, é amplamente utilizada na literatura da abordagem e possui conexão com a fenomenologia. A partir de nossa discussão, entendemos que a noção de presença pode ser considerada uma das noções que compõem o corpo conceitual da Gestalt-terapia. Presença poderia, assim ser definida como modo de estar no mundo onde o engajamento como corpo na situação presente ou campo esteja caracterizado por abertura à novidade e diferença do outro, com olhar e escuta desprendidos de pressuposições. Esse modo de estar (e ser) como presença permite ao terapeuta, na clínica, convidar o cliente para assumir uma postura semelhante, o que facilitaria a dimensão dialógica do encontro psicoterápico e a ampliação do fluxo espontâneo da awareness no processo de contato e na produção de sentidos existenciais. Assim, presença é entendida como uma postura de abertura e engajamento temporal, essencial para a prática terapêutica eficaz na Gestalt-terapia.

**Palavras-chave:** PRESENÇA, GESTALT-TERAPIA, FENOMENOLOGIA, ESTADO DA ARTE, REVISÃO SISTEMÁTICA

# **PSICOLOGIA ESCOLAR CRÍTICA COMO BRECHA DE SUBVERSÃO: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA**

LUIZA GULLINO

Historicamente o encontro entre psicologia e educação é marcado por uma lógica patologizante que busca classificar e diagnosticar os alunos, propondo-se como solução ao fracasso escolar. O surgimento de uma vertente crítica da Psicologia Escolar aponta para a existência de uma produção social desse fracasso, ampliando o foco de intervenção da Psicologia em direção aos processos de compõem a instituição (PATTO, 2022). Apesar disso, atualmente as escolas encontram-se sob forte atravessamento do contexto neoliberal (MORDENTE, CUNHA, PORTUGAL, 2023) que, marcado pelo individualismo e pela lógica competitiva de mercado, continua convidando a Psicologia a habitar o lugar de providenciar respostas aos problemas que surgem na escola, inclusive demandando por diagnósticos que expliquem as diversas formas de existir das crianças nesse ambiente (MACHADO, 2000). A partir desse cenário, o presente trabalho busca reafirmar a importância de uma prática crítica da Psicologia Escolar enquanto forma de subversão da lógica individualizante vigente. Nesse sentido, aponta alguns aspectos da Abordagem Gestáltica como apostas de referenciais possíveis para essa atuação. São resgatadas a Teoria de Campo e a Teoria Organísmica (FRAZÃO, FUKUMITSU, 2013) como base para uma atuação holística que tenha foco na instituição escola enquanto campo constituído não apenas pelas figuras humanas desse ambiente mas também por aspectos como seu conjunto de regras, os conteúdos pedagógicos, entre outros. Partindo da compreensão de ser humano da Gestalt-terapia enquanto um ser inacabado, em constante relação através do estabelecimento de contato e ativo na construção criativa da sua existência, aposta-se na atuação da Psicologia Escolar voltada à ampliação da awareness de todos os seres da escola, entendendo-a como um saber da experiência (ALVIM, 2014) e à aprendizagem enquanto processo vital de crescimento para cada sujeito escolar (DUSI, NEVES E ANTONY, 2006), rompendo com uma perspectiva conteudista.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Educação, Abordagem Gestáltica, Escola



**EIXO TEMÁTICO:  
A FORMAÇÃO COMO  
SÚBVERSÃO**

# **SEGREDOS NA PSICOTERAPIA DE GRUPO: PARA QUE ABRIR A CAIXA DE PANDORA**

SANDRA SALOMÃO CARVALHO  
PEDRO FABIANO ALVES CUNHA

A temática e a literatura sobre os efeitos dos segredos na terapia familiar são pouco contempladas. Em maior grau, isso ocorre no que diz respeito ao processo de psicoterapia de grupo. O segredo é uma força potente que interrompe o fluxo na dinâmica familiar, confunde e promove sabotagens nas relações entre os membros de um sistema. O mesmo ocorre no processo terapêutico. Esses não ditos, especialmente quando conhecidos por parte ou pela maioria do grupo, interferem no andamento do processo grupal e prejudicam um dos elementos mais importantes para o bom funcionamento de um grupo, que Yalom e Jean-Marie Delacroix (2005; 2022) denominam como coesão grupal. Dessa maneira, o self grupal proposto por Delacroix (2022) não se torna um self integrado, o que traz consequências para o andamento, continuidade e permanência dos membros no grupo. O segredo promove a formação de subgrupos com fronteiras rígidas e com elevada confluência entre seus membros. Isso interfere na excitação do grupo e ativa um sentimento ilusório de inclusão para o subgrupo confluyente e de exclusão para os que estão fora desse subgrupo. Além dos segredos construídos pelo próprio grupo, existem os segredos pessoais sobre abusos e outros temas relacionados à vergonha, que, quando não revelados, também afetam a profundidade do trabalho grupal. Neste minicurso, discutiremos sobre a natureza dos segredos dentro do grupo, as consequências de seu surgimento, os efeitos de sua revelação e o manejo técnico desses aspectos. Como metodologia, apresentaremos um estudo de caso e faremos uma breve demonstração em role-play.

Palavras-chave: Psicoterapia de Grupo, Segredo, Manejo Clínico, Caso Clínico

# OS PRECONCEITOS DO TERAPEUTA: AMPLIAÇÃO DE AWARENESS

ROBERTA GUILHERME MASSOT ROBERTO  
PEDRO FABIANO ALVES CUNHA

Imparcialidade absoluta é inalcançável, uma concepção amplamente reconhecida dentro da gestalt-terapia. Como seres relacionais, os indivíduos são sujeitos à socialização cultural, o que os torna suscetíveis a preconceitos, estereótipos e introjeções provenientes do ambiente social. Na ausência de conhecimento ou reflexão crítica, esses elementos são repetidos extensivamente no cotidiano, e o espaço clínico não constitui uma exceção.

Autores como Ribeiro (2019), Borges (2009), Diangelo (2020) e outros especialistas em psicologias antirracistas e terapias afirmativas destacam a importância de se estar consciente dos próprios preconceitos para evitar atitudes discriminatórias. Rodrigues (1979) diferencia o preconceito da atitude, apontando o primeiro como algo advindo da percepção e a segunda como uma ação positiva ou negativa frente a um determinado grupo social.

Segundo a teoria paradoxal da mudança, é necessário aceitar o que se é para então ter a real possibilidade de escolha. Não é diferente com o preconceito: é preciso assumi-lo para então poder mudá-lo. A sociedade é racista, homofóbica, xenofóbica, machista, entre outras características, e todos estão imersos nesta estrutura, o que faz com que certas violências, mesmo que sutis, possam ser replicadas dentro do setting terapêutico. Nos consultórios, uma das coisas mais importantes é a validação da experiência do cliente. Quando não há consciência dos mecanismos estruturais, é fácil para o terapeuta “escorregar” nas suas introjeções preconceituosas, invalidando a dor e sofrimento do consulente.

O workshop tem como objetivo ampliar a consciência dos terapeutas sobre seus preconceitos, para que não os reproduzam na prática clínica. Ele será dividido em quatro partes. O trabalho constará com uma breve introdução teórica, em seguida os coordenadores ditarão algumas palavras para que os participantes associem com as três palavras ou expressões que lhes vêm à mente. Posteriormente haverá dois momentos de troca e reflexão, o primeiro em grupos menores e o segundo com todos juntos discutindo sobre as palavras que surgiram e suas possíveis origens.

Palavras-chave: preconceito; psicoterapia; awareness

# O QUE REFLETE NO SEU ESPELHO? O AMOR DE OXUM COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO

LORRAINE RODRIGUES DA COSTA

O amor terapêutico é um ato subversivo, já que muitas teorias tradicionais fundamentam-se numa proposição de uma relação neutra e distante. Sendo a gestalt-terapia uma teoria fenomenológica e dialógica, é possível experienciar o amor como instrumento terapêutico. Como elucida (Cardella 1994), é um ato amoroso do terapeuta facilitar a expressão do cliente com a própria dor, sem desestruturá-lo ou acrescentar sofrimentos. As atitudes amorosas do terapeuta somadas às técnicas e teorias, podem ser um facilitador do processo de cura do cliente. Compreendendo que saúde não se detém a ausência de doenças e sim um estado de integração, a confirmação e a validação dentro dessa relação é caminho para a auto regulação. Este workshop visa estimular o autoconhecimento e reflexões acerca da construção da relação terapêutica, dando ênfase no amor como instrumento e tendo como referência o amor de Oxum, orixá feminina, deusa do amor, na filosofia iorubá. Oxum traz consigo um espelho, chamado de abebê, e nos ensina sobre a potência do autoamor e sobre o autoconhecimento ser uma estratégia de sobrevivência. Tendo em vista que somos seres bio-psico-socio-espirituais, as referências africanas nas produções de trabalhos se fazem necessárias, precisamos sair do eixo eurocêntrico, para dar conta das identidades plurais. O objetivo principal é enriquecer as bases referenciais e contribuir com a formação de profissionais. Partindo da premissa de que o gestalt-terapeuta é seu próprio instrumento e está em constante construção, sendo necessário estar atento ao quão consciente de si mesmo e do papel que ocupa em sociedade para estar a serviço da gestalt-terapia. Como caminho metodológico, a proposta se inicia com respiração consciente e autopercepção corporal guiada, fazendo com que se presentifiquem. Disponibilizo os espelhos com música ambiente, neste momento serão convidados a refletir sua trajetória profissional e relações terapêuticas, com estímulos provocativos às reflexões e memórias individuais enquanto se observam no espelho, Após é provocado momento para trocas sobre o que experimentaram. Finalizo propondo a atividade de encerramento estimulando acolhimento e atitude amorosa.

Palavras-chave: amor, gestalt-terapia, afrorreferência, oxum

# **A PRÁTICA DOS RITUAIS COMO FERRAMENTA DE MOVIMENTO CLÍNICO-SOCIAL**

VIVIAN CRISTINE MACHADO  
SANDRA SALOMÃO CARVALHO

Nossa proposta com este workshop é descrição do método de construção e emprego de rituais como ferramenta de trabalho. Abordamos o planejamento, técnicas de criação e aplicação dentro ou fora do setting terapêutico. Em alguns processos terapêuticos, o tema central é a cristalização em etapas do ciclo vital pessoal e familiar e/ou atravessamentos sociais, tais como racismo, questões de gênero e sexualidade. Os rituais são instrumentos terapêuticos organizados para lidar com as paralisações relativas ao congelamento do tempo familiar, ocasionado pelas vicissitudes dos lutos, dos valores e mitos introjetados, experiências sociais traumáticas, legados, débitos, cortes familiares, dentre outros. Estas vivências se apresentam como situações inacabadas transgeracionais ou intergeracionais e formam ajustamentos não criativos. Alguns rituais são vivenciados dentro dos consultórios; outros são efetuados fora dos limites do setting terapêutico. Rituais são instrumentos efetivos porque dotam de ação e concretude a partir do trabalho de elaboração realizado no processo terapêutico, auxiliando na mudança de crenças e introjeções, a fim de ressignificar experiências atuais ou antigas. A ressignificação do campo familiar marcada por rituais organiza e consolida as mudanças desejadas. Metodologia: a) apresentar os diversos tipos de rituais (Imber-Black, 1997), técnicas publicadas e inéditas aplicadas em terapia individual, de casal, família, grupos e comunidade (20min); b) a metodologia de construção de experimentos (Polster & Polster, 2001) e dos rituais (20min); c) levantamento de questões e impasses emocionais ou profissionais, pessoais, familiares e sociais dentre os participantes (10min); d) construção de alguns rituais a partir de histórias e enredos de participantes distribuídos em pequenos grupos (20min); e) um ritual será realizado no workshop em role-play ou por voluntariado (30min); finalização (20min).

Palavras-chave: rituais, experimentos, técnicas, gestalt-terapia, clínico-social

# **VIRANDO O MUNDO DE CABEÇA PARA BAIXO: A CLÍNICA COM ADOLESCENTES E JOVENS HOJE**

ERIKA DA SILVA ARAUJO  
LAURA CRISTINA DE TOLEDO QUADROS

Vivendo o mundo de cabeça para baixo. É assim que os adolescentes chegam aos consultórios, às nossas práticas nos dispositivos do SUS, nas escolas... É assim que suas famílias trazem seus filhos e é também nesse mundo que precisamos nos inserir. Como estar em um mundo de cabeça para baixo sem nos arriscarmos a ficarmos nós mesmos de cabeça para baixo? E onde essa postura pode nos levar? Esse minicurso é uma convocação a entrarem conosco nesse universo onde as certezas já não cabem mais, onde o risco é presente e todos aprendemos juntos a explorar essa outra possibilidade.

Como suporte para essa aventura utilizamos a sustentação teórico-metodológica da abordagem gestáltica. Abordagem, essa que nos sustenta ao mesmo tempo que nos convoca a criação (ZINKER, 2007). Que ao ser tanto uma abordagem clínica quanto um modo de viver nos permite experienciar de forma dialógica novas construções de possíveis com aqueles que nos procuram.

O mini-curso será articulado em quatro momentos: a chegada, o campo, o processo e o desafio. Em cada momento nos propomos a escapar das armadilhas dos recursos prontos, das expectativas dos terapeutas, famílias e escolas permeadas de “deverias” para olhar para um adolescente cujo mundo está em intensa transformação, para além das próprias mudanças biológicas desta fase (ARAUJO & QUADROS, 2018).

Mais que problemas, nossos adolescentes nos convocam a subvertermos as certezas e seguranças de uma clínica enrijecida por modelos prontos de intervenção e nos convoca a criação e questionamentos éticos e políticos para cuidar da próxima geração que irá gerir um mundo possível para todos (LAURA, 1994).

Palavras-chave: Jovens, Adolescentes, Clínica, Gestalt-terapia

## GESTALT-POESIA – PERCURSOS CRIATIVOS PARA A PRÁTICA CLÍNICA E A CONSTITUIÇÃO DE GESTALT-TERAPEUTA

JAKÊNIA NASCIMENTO

A poesia é vista por Perls, Goodman e Hefferline (PHG, 1997), como “um caso especial de boa fala”, pois apresenta a fala como atividade orgânica, endereçada às necessidades. Segundo Cardella (2020), a poesia transgride o saber, uma vez que revela “dimensões do humano que a razão não é capaz de abarcar” (p. 84). Desse modo, a linguagem poética implica à clínica gestáltica um fazer subversivo que rompe com saberes e fazeres instituídos pela racionalidade. O contato com a poesia “pode manter a awareness silenciosa da imagem, do sentimento, da memória e também, de atitudes puras de comunicação social” (PHG, 1997).

Para além da clínica, a poesia sempre foi uma linguagem de subversão na história da humanidade. Em tempos de crise, opressões, ditaduras (...), através da linguagem poética, expressa nas diversas artes, foi possível o grito, a comunicação, a indignação, a denúncia. Isso porque a linguagem poética é simbólica, metafórica, contatada, e por si mesma, subversiva (CARDELLA, 2020).

Neste workshop, vamos mergulhar no Universo Poético. O/a/e(s) participantes serão estimulados a entrar em contato com a poética inerente da sinestesia, por meio da performance teatral de um poema. A partir disso, experienciar diversas possibilidades de contato que um poema pode oferecer. Por fim, um convite ao exercício da “escrevivência” – a escrita a partir do que foi vivenciado. É importante ressaltar a abertura para reformulações metodológicas mediante possíveis fenômenos que surgirem no aqui-agora da experimentação.

O objetivo é apresentar a poesia como linguagem terapêutica; oferecer pistas para a exploração ética e criativa da dimensão do sensível, bem como, experimentar, através da linguagem poética, possibilidades fenomenológicas de se fazer corpo na clínica.

Partindo da premissa de que o/a gestalt-terapeuta é seu principal instrumento de trabalho, este workshop oferece espaço para a auto exploração e manifestações complexas da dimensão do sensível, favorecendo, assim, a ampliação da awareness na/da relação eu-outro-mundo – principal busca da terapia gestáltica.

Serão utilizados materiais, como: papel sulfite tamanho A4, lápis e canetas. 25 é o número máximo de participantes.

Palavras-chave: poesia, arte, experimentação, corporeidade, clínica



# **EROTISMO E SUBVERSÃO NAS RELAÇÕES AMOROSAS DURADOURAS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS TRANSGRESSORES: UMA PAUTA SILENCIOSA**

TERESINHA MELLO DA SILVEIRA  
DANIELA MAGALHÃES DA SILVA

A contemporaneidade abarca as mais diferentes formas de relacionamentos amorosos. Conforme diz a música Paula e Bebeto de Milton Nascimento e de Caetano Veloso: “qualquer maneira de amor vale a pena.” Contudo, amores transgressores, erotização, relações que fogem às normas sociais vigentes, são pouco discutidas no âmbito da clínica que trata de relacionamentos íntimos.

Até bem pouco tempo atrás, os estudos e os cursos estavam restritos ao âmbito da família tradicional, a relações de casais heteroafetivos e um pouco sobre casais homoafetivos. Além do mais, as imagens encontradas na internet, e que ainda são as mais comuns, serviam como material didático para as aulas, embora pouco representassem a realidade brasileira, acentuando e reproduzindo uma cultura colonializada.

De outra maneira, em nossas práticas, seja na clínica privada, ou em outros espaços que a/e/o Gestalt-terapeuta seja convocada/e/o – como na área da saúde ou da justiça – para desenvolver seu trabalho com relações afetivas sexuais, ou familiares, a demanda abrange, para além do que se convencionou chamar de casal; trisais, relações não monogâmicas, poliamor, relações não binárias, assexuadas, pares transsexuais e toda uma multiplicidade de jeitos de conviver intimamente.

Chamo atenção ainda, não só para as parcerias amorosas, mas também às famílias, que são uma construção social, e vêm mudando celeremente, deixando claro nessas mudanças, aspectos de poder no intercâmbio entre seus membros, exclusão por fatores étnico-raciais, de gênero e de sexo na esfera familiar e que são necessárias ser colocadas em evidência para nós que somos comprometidas/es/os com a policultura e a justiça social.

Aquilo que não sabemos, não enxergamos. Como profissional e professora na área, nos últimos anos tenho refletido, e mudado muito o meu modo de ver e transmitir temas silenciados, ou pouco debatidos nas formações voltadas para o trabalho com grupos íntimos. Acho, inclusive, que estamos atrasadas e estamos tentando correr atrás das atualizações.

O Brasil é um país plural e essa é a nossa maior beleza, podermos interagir com uma profusão de outras pessoas, abrangendo uma variedade de maneiras de ser, viver e (com) viver. Afinal, é para isso que aprendemos nossas práticas e, através disso que marcamos nosso fazer como um ato político.

O Gestalt-terapeuta precisa reconhecer e legitimar o diverso, tal é o nosso compromisso ético com a abordagem que abraçamos.

Por tudo que foi exposto até aqui, conversamos e nos propusemos a debater algumas dessas matérias, através de uma mesa redonda, no eixo temático: a formação como subversão.

Com esse propósito, colocamo-nos como pessoas que transmitem a Gestalt-terapia e também como aprendizes, visto que, as mudanças socioculturais estão ocorrendo muito rápidas, frente à maior conscientização e aos conflitos inerentes a momentos de mudanças paradigmáticas.

Consideramos a temática importante, não apenas para as/es/os formadores e supervisores, mas para as/es/os terapeutas em geral e mais especificamente para aquelas pessoas que se debruçam nos estudos e práticas com famílias e demais grupos íntimos.

A pretexto de finalização, fazemos um agradecimento especial às/es/aos clientes, famílias, casais e demais parcerias amorosas, alunas, alunes e alunos, que fizeram formação ou pós-graduação conosco e que, mesmo sem saber, nos instigaram a aprofundar nas temáticas que nos dispomos a apresentar.

Relações duradouras comumente são um terreno fértil para estabilidade, segurança e intimidade – características tão almejadas na busca por um par amoroso. Entretanto, o que acontece com o desejo, a excitação e a sensualidade tão presentes no início dos relacionamentos? Na clínica individual e de casais, os relatos a seguir são recorrentes: “Nos amamos muito, mas quase não transamos mais!”; “Quero continuar casada, mas tenho muito preguiça na hora de transar.”; “Sei que, depois de alguns anos, é normal o sexo esfriar, mas, hoje, vivemos como dois irmãos!”

O presente trabalho contempla a experiência desta autora na clínica individual e de casais, bem como em casos supervisionados no SPA da UVA. A proposta dessa apresentação é dar visibilidade para a vivência da sexualidade e do erotismo nas relações amorosas duradouras, temas pouco aludidos em grupos de profissionais da área. Pretendemos também trazer considerações com base na perspectiva de campo sobre atravessamentos históricos, familiares e culturais acerca da temática, assim como contribuir com o manejo clínico, à luz da Gestalt-terapia, nas demandas relacionadas à sexualidade.

A Gestalt-terapia, por meio de suas bases, concepções e sua postura dialógica, tem propiciado um terreno suportivo para que a vivência da sexualidade seja explorada e ressignificada. Os conceitos da abordagem darão sustentação ao corpo teórico dessa mesa-redonda e serão articulados aos casos clínicos apresentados. Também serão compartilhadas algumas intervenções fundadas na perspectiva fenomenológica de campo e da metodologia da awareness, no intuito de aproximação com a forma de o Gestalt-terapeuta trabalhar a temática.

A apresentação do trabalho se orienta na perspectiva do eixo temático: a formação como subversão, modalidade mesa-redonda.

A organização metodológica consistirá em três momentos: exposição do tema articulado às bases da Gestalt-terapia e respectivos conceitos, bem como a visão de autores contemporâneos; prática e manejo clínico por meio da apresentação de casos; troca e discussão com o grupo.

Palavras-chave: diversidade, relações transgressoras, ética, formações, temas silenciados.

## **O FUTURO DO CUIDADO**

ALEXANDRA TSALLIS  
MARIA DAS GRAÇAS GOUVÊA NECO DA SILVA  
LUCIANA LOYOLÁ MADEIRA SOARES  
PATRÍCIA ALBUQUERQUE LIMA

Compreendemos a Gestalt-terapia como uma abordagem calcada em princípios ético-político libertários, que valoriza relações de cuidado mútuo. Abordagem que nasceu aliada aos movimentos de contracultura e contra regimes de opressão de corpos e pensamentos. Pretendemos problematizar nossas práticas como comunidade, reafirmando nossas bases filosóficas e conceituais. Viemos discutir: diversidades, diferenças, corpos, experiência, sensibilidade, cuidado, escuta, diálogo, mutualidade, generosidade, delicadeza, afetos, contracultura, inclusão, ética e política – temas que nos fazem gestalt-terapeutas, e que, no entanto, nos parecem constar nos discursos, mas nem tanto nas práticas clínicas contemporâneas. Em permanente atualização teórica e técnica e guiadas por senso crítico em relação ao nosso saber/fazer gestáltico, indagamos: Como cuidamos da Gestalt-terapia? Que Gestalt-terapia fazemos quando dizemos que fazemos Gestalt-terapia?

O que devolvemos à Gestalt-terapia pelo que recebemos dela?

Muito recebi da Gestalt-terapia e de gestalt-terapeutas que me precederam e das/os que estão chegando. Fui bem recebida na Gestalt-terapia pelas mãos, falas e ações de gestalt-terapeutas generosos, sensíveis, consistentes teoricamente, congruentes com o que falavam. A cada nova versão das realidades que engendramos, vamos inovando, trazendo o encantamento que nos faz insistir em fazer mundos melhores com nossa Gestalt-terapia. De cada nova geração de gestalt-terapeutas, recebemos este mesmo encantamento que nos fascinou. Para cada nova geração, deixamos legados, para que estas/es problematizem, inovem e levem adiante o que há de mais genuíno na fundamentação teórica, ética e técnica da Abordagem Gestáltica, em quaisquer campos de prática, sem perder o encantamento. Nossa abordagem sempre esteve conectada com movimentos sociais e demandas contemporâneas, fazendo-se presente através de ações coletivas encorpadas em diálogos e criatividade constituídos por cuidados e sensibilidades. Convoco-nos a nos reunirmos e nos conhecermos, olhando-nos e ouvindo-nos com disposição de quem quer cuidar da Gestalt-terapia. Venho propor que, à Gestalt-terapia que tanto nos oferece, possamos devolver a habilidade de estarmos juntas/es/os, tratando nossas dores, criando potências, caminhos e movimentos de mudanças tecidos em respeito e cuidados mútuos, sensibilidades, compaixão e solidariedade. A Gestalt-terapia precisa de todas/es/os nós para seguir democraticamente seu fluxo de desenvolvimento responsável,

criando realidades mais sensíveis e inclusivas. Precisamos de nossas diferenças para dialogarmos e tecermos parceria para crescermos como pessoas e coletivo.

Gestalt-terapia como possibilidade de cuidado interdependente

Na contemporaneidade a Gestalt-terapia como abordagem teórica e prática nos propõe um desafio que pode ser formulado da seguinte forma: primeiro damos o passo para que depois o chão apareça. Esse passo precisa ser dado com responsabilidade, diria Donna Haraway, com a habilidade de responder às questões propostas no mundo. Nesse sentido, estamos diante da tarefa de responder às interpelações na aposta de que o chão aparecerá. Será sempre no depois que teremos certeza do chão, contudo o passo surge da experiência aqui e agora presente. Esse gesto de mutualidade convoca a interdependência como possibilidade de cuidado conosco e com o mundo – com o mundo e conosco. Estar “aware” da interdependência permite que façamos perguntas capazes de perturbar a ordem hegemônica sobre a qual estão assentadas lógicas mantenedoras de opressão, de um mundo já conhecido. O cuidado permite percebermos que estamos vinculados de modo indissociável. Nesse sentido, cuidar é tarefa cotidiana que coloca a todes nós diante de um gesto inacabado onde o risco e o medo, da ausência de chão, nos convidam a estarmos juntas para darmos passos. Perceber a interdependência como um processo que coloca em ação os gestos que nos vinculam, fazem ver a política da gestalt-terapia presente pelas alianças, são elas que nos permitem apostar no passo antes do chão, apostar que assim vamos fabricando um depois. Em poucas palavras, podemos dizer que o cuidado afirma a interdependência como ferramenta especialíssima que combina as dimensões do aqui e agora e do lá e então, que permite, ao mesmo tempo, darmos aqui o passo na confiança de que o chão estará lá.

Cuidado como desvelamento de sentido

Na sua obra principal “Ser e Tempo”, Heidegger procura responder a uma pergunta: “o que é o sentido do ser?” e para chegar a esta resposta apresenta e coloca em discussão alguns elementos que considera radicalmente como questões do ser. Um destes elementos é o cuidado. A reflexão heideggeriana nos coloca diante da questão do cuidado como um atributo do ser. Tomando como premissa que a relação terapêutica é uma relação de cuidado, o presente trabalho discute o cuidado que este ser (Ser-aí/Dasein) é chamado a ter com o mundo. Incluindo nesta reflexão as implicações do cuidado para nós próprios, Gestalt-terapeutas, que temos como noção de pessoa este ser que está indissociavelmente ligado ao mundo e dele não pode se furtar. Cientes que somos sempre e originariamente “ser-no-mundo”, cabe-nos desvelar um sentido mais próprio de nós mesmos colocando em jogo todo nosso ser, e o mundo a nossa volta e nossas relações. Esse com certeza é o lugar do contato na Gestalt-terapia.

Reflexões sobre o cuidado em Gestalt-terapia

A proposta da minha participação na mesa-redonda “O Futuro do Cuidado” é a de considerar o conceito de cuidado dentro das perspectivas filosóficas e teóricas da Gestalt-terapia, buscando refletir sobre a aplicabilidade na clínica ampliada.

A experiência da autora, enquanto professora universitária e supervisora de estágio em Gestalt-terapia, servirá como ponto de sustentação para a reflexão sobre o cuidado na clínica ampliada, dado o vínculo que a mesma construiu e mantém com a rede pública de saúde e assistência social em uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Buscarei instigar reflexões sobre o modo como o cuidado atravessa nossas vidas profissionais, mas também pessoais e afetivas – e como compreendemos o cuidado na prática da clínica gestáltica. As experiências iniciais da vida de muitos seres humanos são experiências de maus tratos, descuido, desconsideração e até mesmo de violência. Estas experiências, muitas vezes, se mantêm na vida adulta ou deixam marcas profundas na forma como nos relacionamos conosco, com as outras pessoas e com o nosso entorno. São essas pessoas que chegam a nós nos nossos consultórios e territórios que ocupamos, e repensar práticas gestálticas condizentes com essa realidade é emergencial.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, legados gestálticos; cuidado, reflexões; interdependência; responsabilidade.

# **ARTE E ARTESANIA NA GESTALT-TERAPIA COM CRIANÇAS NA CONTEMPORANEIDADE COMO MODO DE SUBVERSÃO**

LUCIANA LOYOLA MADEIRA SOARES

Com a criança, fazemos uma clínica que convoca a desacomodações e atualizações. Contemporaneamente, acompanhamos crianças e seus cuidadores primordiais lidando com necessidades e sofrimentos decorrentes dos novos balizamentos do que é típico ou, atípico em seu desenvolvimento. Sendo Gestalt-terapeutas, alinhamo-nos aos movimentos por direitos, diversidade e inclusão, atualizando atitudes frente ao desenvolvimento das crianças, às desigualdades e diversidades das infâncias, num posicionamento crítico a diagnósticos e tecnicismo. Fazeres gestálticos são artísticos por emergirem criativamente da relação, que é sempre artesanalmente criativa. Artesanal é a delicada e sensível tecitura dialógica entre o que oferecemos e o que recebemos no acolhimento à criança e seus adultos principais. Participamos desse campo relacional atualizando permanentemente nossas possibilidades e limitações. Terapêutico para uma criança é perceber movimentações e mudanças de comunicação e compreensão no campo relacional, regulando-se, ampliando possibilidades existenciais e suporte, confirmando-se, sendo confirmada em suas potências sensoriais, cognitivas, motoras e na habilidade de afetar e produzir realidades, não só submetendo-se aos 'tem que'. Isso é subversivo, político e ético. Resistimos, mantendo atenção e cuidados a estas/es vulneráveis, produzindo realidades sensíveis e inclusivas, que subvertem a lógica do individualismo e dos ditames do que é 'desenvolvimento' nos parâmetros de competitividade e competências preconizadas pelo capitalismo tecno-liberal. Quem quer ser terapeuta de crianças? Que versões de mundo performamos nos atendimentos gestálticos a crianças?

Palavras-chave: Gestalt-terapia com crianças, contemporaneidade, prática política.



# **A EXPERIÊNCIA COM GRUPOS DE MÃES EM DIFERENTES CONTEXTOS NO OLHAR DA GESTALT-TERAPIA**

SILVANA TERESINHA AREND; PATRICIA VALLE DE ALBUQUERQUE LIMA  
MAYARA SILVA CARVALHO; JOANA FALCO LEÃO OLIVEIRA  
LETÍCIA TOLEDO DE MORAIS

Este trabalho traz a experiência da equipe de Gestalt-terapia da Universidade Federal Fluminense com grupos de mães no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) e na ONG Égide em Rio das Ostras/RJ. A Gestalt-terapia compreende o grupo e os sujeitos de forma sistêmica, visando conhecer as forças que interferem em sua constituição e manutenção e os mecanismos adotados em seu processo de autorregulação (Ribeiro, 1993). Segundo a teoria de campo, o grupo também pode ser entendido como um campo que está sempre referido a um contexto específico, situado no tempo e no espaço (Lima, 2011). Os grupos de mães foram coordenados por duplas de estagiárias e realizados uma vez por semana em horários pré-estabelecidos, com duração de uma hora e meia. Os temas discutidos nos grupos eram trazidos pelas próprias mães e as principais questões abordadas foram: culpa materna, não gostar de ser mãe, o papel do pai/marido em relação aos cuidados com os filhos e com o lar, conciliar ser mulher, mãe e trabalhadora, idealização da maternidade e dos filhos, maternidade atípica, rede de apoio, sobrecarga, falta de tempo para cuidar de si, solidão, etc. Dado o feedback das mulheres, notou-se a importância desse espaço para partilhar temas comuns da maternidade, que muitas vezes são individualizados. Sobre a postura do gestalt-terapeuta frente às psicoterapias grupais, Dávila (2015) compara com a postura de um maestro na orquestra, que a coordena de acordo com o papel de cada instrumento na composição de uma harmonia. Para a autora, o gestalt-terapeuta se ocupa em reconhecer a individualidade de cada participante e conduz as situações para que se construa uma sintonia entre seus membros e elaborações sejam produzidas em conjunto. Isso remete ao que Fadel e Pinheiro (2015) falam sobre o conceito de fronteira de contato, definida enquanto espaço-tempo onde se desenrola o real encontro consigo e com a alteridade, onde se produzem estranhamentos, excitações e relações (Alvim, 2019). Em suma, um grupo não é o simples somatório de seus indivíduos, é um organismo integrado, capaz de se autorregular, trilhando, assim, um caminho de satisfação, crescimento e transformação (Fadel & Pinheiro, 2015).

Palavras-chave: grupos temáticos, estágio, maternidade, relato de experiência

# **A MASTIGAÇÃO GRUPAL: O PROCESSO DO GRUPO COMO UM RECURSO PARA A ELABORAÇÃO DE INTROJEÇÕES**

PEDRO CUNHA

A terapia de grupo constitui uma abordagem poderosa no trabalho emocional, utilizando o grupo como um recurso adicional para a elaboração de questões tanto a nível individual quanto grupal. PHG (1997) já apontavam que a terapia de grupo seria um modelo de atendimento mais adequado, especialmente no contexto de terapias comunitárias e grupais. Desde então, diversos gestalt-terapeutas têm se dedicado ao estudo e à prática da terapia de grupo, destacando-se nomes como Polster (2001), Zinker (2007), Ponciano (1994) e Delacroix (2022), cada um trazendo uma reflexão distinta sobre os processos grupais. Yalom (2005) descreve fatores terapêuticos que observa ocorrerem em todos os grupos. Os fatores descritos pelo autor são fundamentais no processo de elaboração e ressignificação das questões pessoais pelo indivíduo. Através do compartilhamento e da escuta de diferentes vivências, o indivíduo pode se deparar com realidades distintas da sua, ressignificando, problematizando e expandindo os significados que atribui às formas de existir no mundo, contribuindo assim para a desconstrução de introjeções. Refletindo sobre a ideia de self grupal proposta por Jean-Marie Delacroix, o grupo funciona como uma espécie de organismo que realiza a função de destruição ou “mastigação”, nas palavras de Fritz Perls, construindo novos significados a partir dos elementos presentes no grupo. A metáfora da mastigação é particularmente adequada para essa modalidade de atendimento, pois o grupo auxilia na desconstrução e na quebra de elementos anteriormente rígidos, possibilitando a geração de novas formas a partir das novas relações. Neste workshop, realizaremos um trabalho de introdução dos participantes. Como metodologia, será conduzida uma viagem à fantasia com o intuito de conscientizar os participantes sobre algumas de suas introjeções. Os participantes, então, escreverão essas frases introjetadas em folhas de papel. Haverá uma troca em pequenos grupos, e, em seguida, os participantes recortarão as frases e reescreverão novas frases a partir das palavras presentes, realizando uma colagem. Materiais necessários: papel, folhas e tesouras.

Palavras-chave: Psicoterapia de Grupo, Introjeção, Experimento

# **AS EXIGÊNCIAS NEOLIBERAIS PARA O PSICOTERAPEUTA NA CONTEMPORANEIDADE. OS DESAFIOS E RISCOS À SENSIBILIDADE E AUTENTICIDADE DA PRÁTICA CLÍNICA**

AMANDA MELLO ANDRADE

Atualmente e cada vez mais as tensões criativas e produtivas estão sendo valorizadas no cenário neoliberal contemporâneo. Este cenário, que desenha sujeitos, nos faz olhar para os riscos da perda de uma sensibilidade e autenticidade do fazer clínico submerso as práticas de comercialização. E neste lugar destacamos a interação dos psicoterapeutas com as mídias sociais, como fator medição sobre competência profissional.

Tendo a Gestalt-terapia por inspiração com olhar sobre as modificações e totalidade dos fenômenos na relação indivíduo/meio observamos um modo de existir adaptativo, cuja subjetividade é construída a partir de performances, reduzindo a prática clínica a exercícios racionais em uma realidade neurotizada e estereotipada (Perls, 2018).

A construção do fazer clínico se mostra entrelaçado por um caminho produzido de forma funcional e normativa como o de produção capitalista, que abre espaço para uma prática de reprodução e controle (Han, 2018). Observamos psicoterapeutas seguindo por caminhos de uma história única, a reprodução (Adichie, 2019).

Sem qualidade de presença, a prática clínica é engolida pelas oscilações da contemporaneidade. Segundo Juliano (2017), o psicoterapeuta que vive no caminho fora do sentido da sua existência permanece em contato com os aspectos superficiais dela. Assim, o psicoterapeuta tenta ajustar-se ao meio, afastando a abertura do espaço para o campo da experiência, do lugar vivido do cotidiano que enriquece a sua prática. E é desse ponto de vista que chamamos atenção para as necessidades de um olhar mais acurado sobre os horizontes e convocações de um campo já tensionado.

Portanto, é na dimensão do sensível dessa experiência, ou seja, de caminhar a partir de comportamentos e/ou padrões impostos, que resgatamos a atenção aos fenômenos que ocorrem no trajeto. É necessário pausar a forma racional sobre como lidamos com as afetações cotidianas e viver a experiência que nos passa, nos acontece e nos contata (Quadros, 2019).

Palavras-chave: clínica, Gestalt terapia, neoliberalismo, mídias sociais, sensível

# **SOFRIMENTO PSICOLÓGICO E CONTEXTO SOCIAL: COMPREENDENDO A DEMANDA POR ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NA CLÍNICA SOCIAL.**

TAIS FIGUEREDO BRASIL  
MARIA DAS GRAÇAS GOUVÊA NECO DA SILVA

Este trabalho foi desenvolvido com a colaboração dos alunos responsáveis pelo serviço de triagem do serviço de clínica social do Instituto de Psicologia Gestalt em Figura, situado no Rio de Janeiro. O IPGF oferece serviço de atendimento psicológico por valor social, o que visa ao estágio supervisionado dos alunos durante a formação clínica em Gestalt-terapia oferecida pela instituição. A partir da coleta de entrevistas de triagem no período de fevereiro de 2020 a maio de 2024, foi realizada esta pesquisa do perfil da clientela. A pesquisa teve como objetivo mapear o perfil da clientela, correlacionando as queixas com fatores sociais, avaliar as consequências da pandemia na demanda e avaliar as mudanças neste perfil em relação à pesquisa feita anteriormente em 2016, abrangendo o recorte de junho de 2013 a novembro de 2015. Muitos estudantes de psicologia e psicólogos engajados nas questões sociais, buscam a formação em Gestalt-terapia por seu olhar socialmente crítico com relação à clínica, críticos a visão de uma clínica elitizada, de difícil acesso e afastado das pautas sociais e políticas. Estes profissionais podem experimentar, através do exercício em uma clínica social, a necessidade de democratizar o serviço de psicologia, tornando-o mais acessível socialmente. Ainda podem compreender a forma como as questões de cunho político se associam com o caráter individual de cada queixa, apontando para a indissociabilidade da clínica com o social. Reunindo as entrevistas desse período, é possível ter um panorama da dimensão que o sofrimento ético-político tomou na vida das pessoas nos últimos anos, das novas demandas e dos recursos que cada pessoa desenvolve frente à vida. A visão de uma clínica social permite observar como o macro atua no micro, sem deixar de contemplar as questões próprias de cada pessoa que procura o serviço.

Palavras-chave: sofrimento psicológico, contexto social, pandemia, clínica social, autodiagnóstico

# **A FORMAÇÃO CRÍTICA DO GESTALT-TERAPEUTA COMO FORMA DE SUBVERSÃO: O TRIPÉ FORMATIVO**

SANDRA SALOMÃO CARVALHO

A Gestalt- terapia surge no cenário das psicoterapias como resistência ao status quo, ao establishment das psicoterapias, dos saberes dissociados e se propõe a ser uma abordagem ampla nos campos de atuação. Mais do que um sistema teórico, metodológico ou técnico, a formação em Gestalt-terapia privilegia a filosofia e a prática de uma atitude ética e respeitosa diante da diversidade humana. Estamos diante do desafio de ser uma abordagem de resistência: integrar e praticar os necessários aprendizados clínicos em um mundo pleno de tecnologias, veloz em consumo de resultados e pronto para colocar no altar das psicoterapias a ciência positivista das evidências. Defendemos princípios que modelam as estratégias utilizadas para uma formação clínica consistente e potente para enfrentar os desafios da contemporaneidade, mergulhada em uma atmosfera de preconceitos, radicalidade, depressão, ansiedade e com alto consumo como instrumentos de evitação de contato. Como um instrumento de resistência, a formação em Gestalt-terapia deve ser leal à sua origem e adequar-se ao contexto contemporâneo, orientada pela nossa pedra de toque mais fundamental, a fenomenologia da fronteira organismo/mundo. Propomos uma estrutura obtida pelo tripé formativo: o aprofundamento emocional e autoconhecimento, através da psicoterapia pessoal e processo grupal se entrelaçam com o programa didático teórico e prático que engloba o manejo da interseccionalidade. Agudizamos a noção da teoria de campo, entendida como nossa segunda pedra de toque. A terceira pedra de toque do tripé, a experimentação clínica, através do acompanhamento da prática e do contato com as especificidades do campo terapêutico, realizada pela supervisão. Para finalizar apresentamos os conteúdos e estilos formativos que possibilitam a transformação do psicólogo em um Gestalt-terapeuta capaz de manejar em sua clínica temas como o racismo, as novas famílias, as questões de gênero, dentre outros. Afinal, como ser Gestalt-terapeuta? Relevância: Refletir como formar Gestalt-terapeutas que honrem nossa perspectiva filosófica e social de comunidade, ao construir uma postura e sabedoria clínica para além de um aprendizado engessado.

Palavras-chave: Formação, tripé, resistência, social, clínico.

# **A IMPORTÂNCIA DA GESTALT-TERAPIA PARA A FORMAÇÃO DE UMA CLÍNICA DE ARTESANIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

ANA CAROLINA DA SILVA CAVALCANTE; JULIANA ANDRADE  
LAURA TOLEDO QUADROS; LORRANA REIS RIBEIRO

A experiência de formação em Psicologia tem seu percurso construído em um mundo pautado num neoliberalismo que, como dito por Foucault (2008), torna subjetividades em normas que devem aderir padrões de produção que determinam um caminho “certo” a seguir na psicoterapia. Este trabalho parte de reflexões e desdobramentos construídos a partir de um estágio em Gestalt-Terapia com crianças, jovens e adultos, entendendo experiências de atendimento clínico e de supervisão como espaços formadores de um fazer psicoterápico pautado na arteficialidade que se entrelaça com as perspectivas de vida fornecidas pela abordagem gestáltica. Compreender a clínica como um campo de artesanias é desfazer normatividades impostas pelo modelo hegemônico de ciência que permeiam a Psicologia e abrir-se aos acontecimentos que surgem, tornando possível ir de encontro com afetações (Quadros, 2011, 2021) que sustentam e embasam um fazer clínico relacional, vivencial, dialógico, e, portanto, essencialmente gestáltico, que nos apresenta a potencialidade do vivido (Quadros, 2014). Perls (1975) registra que para ser socialmente aceito o indivíduo possui um conjunto fixo de respostas. Objetivando compactuar com os “deveres” da sociedade, ele aprende a ignorar seus próprios sentimentos, desejos e emoções, o que o impede de ser parte integrante da natureza. Para caminhar em direção a reintegração apostamos no fazer artesanal, ou seja, apostamos em um processo que é construído no encontro e na relação de forma singular e subjetiva. Nesse sentido, é possível compreender que a clínica gestáltica é uma prática sensível que dispensa estruturas previamente definidas e engessadas de trabalho, não se apoiando em recursos pré-elaborados que podem trazer uma sensação de apoio. Atendo-se a Gestalt-Terapia, que se faz com e não para os outros (Stevens, 1977), se mostra fundamental um espaço de formação que opere dentro desses termos, indo contra ao que se enquadra enquanto norma.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, Formação, Psicologia, Artesanal.

# **CRIATIVIDADE PARA EDUCAÇÃO (DO) SENSÍVEL COM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

NATHALY MARIA FERREIRA NOVAES

O mundo vivido é aprendido, primeiramente, pela sensibilidade e percepção. A educação do sensível busca o desenvolvimento e o refinamento dos sentidos, elaborando-os para além das experiências sensoriais. A aprendizagem, na leitura gestáltica, envolve a ampliação da awareness. O psicólogo é uma pessoa atravessada profundamente por dinâmicas socioculturais. Essa condição reverbera comportamentos e afetos na sua práxis profissional, mesmo quando não se dá conta. Assim, é fundamental a educação do sensível, ancorada no processo criativo, para o desenvolvimento de psicólogos enquanto pessoas inteiras e políticas em suas relações com consulentes. Para a Gestalt-terapia todo ser humano é criativo, pois é capaz de recriar a sua história, construir novos caminhos e possibilidades de ser no mundo. A criatividade acontece na fronteira de contato da relação organismo-ambiente e potencializa o protagonismo humano em seus processos – fundamental para a aprendizagem significativa. Objetivo apresentar estratégias para a educação (do) sensível com universitários através da criatividade na perspectiva gestáltica. Parto da minha experiência docente na graduação de Psicologia, sobretudo com temas da clínica social e da humanização em saúde, numa faculdade privada em Recife/PE. Foi realizado um estudo do tipo relato de experiência com vivências do primeiro ao terceiro período. A proposição de experimentações com o corpo, do uso de recursos artísticos em grupo, da criação de portfólio criativo-reflexivo, do desmanual de sobre(vivência) e da produção de podcast foram caminhos potentes para os estudantes ampliarem as suas percepções acerca das respectivas formas de contato com processos socioculturais de subjetivação vividos, historicamente, por grupos minorizados. Foram provocadas a liberdade e a co-responsabilidade de futuros psicólogos quanto à abertura para (re)posicionamentos no mundo, buscando construir uma ética do cuidado que tenha compromisso com a garantia dos direitos humanos.

Palavras-chave: Educação, Formação em Psicologia, Gestalt-terapia, Criatividade, Psicologia Social



# **COMPARTILHANDO SENTIMENTOS, AFIRMANDO A VIDA: O TECER GESTÁLTICO NA TROÇA COM UM GRUPO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO E MIGRAÇÃO**

ANA CAROLINA DA SILVA CAVALCANTE  
LAURA CRISTINA DE TOLEDO QUADROS

A vivência do fenômeno da migração é atravessada por sentimentos diversos que não podem ser compreendidos de uma forma simplificada, pois apresentam peculiaridades, histórias, diferentes culturas e necessidades. Segundo Adichie (2012), ao considerarmos as histórias como estereótipos, há perigo de reduzir e apagar as marcas da singularidade e da riqueza de mundo, que em seu tecer, contempla as linhas diversas de histórias e vivências. Galeano (2012), nos convida à reflexão de como estamos em meio às diferentes histórias que nos atravessam e conectam com nossas próprias vivências. Assim, o presente trabalho parte do projeto de pesquisa Vidas em Movimento, Herança e Pertencimento: Acolhimento e Cuidado com Mulheres Migrantes e em Situação de Refúgio, que com a clínica gestáltica, com seu fundamento dialógico e sensorial, resgata a dimensão do sensível, privilegia o sentir, mobilizando o sofrimento psíquico para além das palavras (Prestrelo; Quadros, 2009), considerando a experiência, sem classificá-la ou enquadrá-la, ressaltando as formas de relação com o que foi vivido e com o mundo, buscando na psicoterapia a integração, respeitando as singularidades e as diferenças (Perls, 1981). Articula-se com a teoria Ator-Rede (Latour, 2012), que busca o desenvolvimento de uma clínica ampliada que se desloca do individual para o coletivo, através do compartilhamento de histórias. Assim, por meio dos relatos dessas mulheres, ocorrem novas configurações das próprias questões vividas, saindo do aprisionamento do sofrimento para a descrição viva do fenômeno, afirmando a arte de restaurar histórias (Juliano, 1999). Por fim, ao acolher, reconhecer e validar cada vivência, uma prática que permanece em movimento, como as vidas presentes em roda, construindo nesse espaço um fazer com e não sobre as mulheres migrantes (Quadros et al., 2016), possibilitando o reconhecimento de si e a compreensão de seus protagonismos no tecer de linhas de suas próprias histórias.

Palavras-chave: migração, acolhimento, narrativas, gestalt-terapia, mulheres.

# **OUTRAS HISTÓRIAS DO TRANSTORNO BIPOLAR DE HUMOR: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E CONTADAS POR QUEM AS VIVE. CENAS E NARRATIVAS COSTURADAS COM A TEORIA ATOR-REDE**

DANILLA CAMARA FERREIRA

O olhar subversivo da Gestalt-Terapia, inserido na Psicologia, nos convoca a criar outros modos de existência que questionem a rigidez dos discursos patologizantes. A arte e a vida podem reinventar caminhos. Como aliada para minha dissertação em andamento (PPGPS/UERJ), sob a orientação de Laura Quadros, evoco a possibilidade de contar outras histórias com as experiências cotidianas de quem vivencia o Transtorno Bipolar de Humor (TBH). Chimamanda nos mostra como pode ser estigmatizador contar uma única história sobre um povo e sua cultura. Como gestalt-terapeuta, sou inspirada pela arte de compartilhar de muitas histórias vivas. Desse modo, sigo as pistas que emergem a cada novo encontro, a cada nova experiência, em meio a uma pesquisa situada e embasada por um fazer artesanal e pela Teoria Ator-Rede. Mediante cenas e narrativas, recortadas do filme de Viviane de Cassia Ferreira e do livro autobiográfico de Bia Garbato, encontramos muitas histórias vivenciadas com o Transtorno Bipolar de Humor, configurando outros modos de existência. O ponto de ligação entre meus aportes metodológicos está na maneira subversiva de “pesquisar com”, e não “pesquisar sobre” as experiências “vivas e vividas”, como nos evoca Marcia Moraes. Numa linguagem Latouriana, o que me “faz fazer” o presente trabalho é o legado que sustento através da força de uma herança ancestral. Minha mãe “convive/vive com” o Transtorno Bipolar cotidianamente, (co)movida e encorajada a “viver-no-mundo” contando suas histórias. Com a perspectiva gestáltica, podemos criar mundos mais fluidos, leves e múltiplos, quando ampliamos nossas formas de perceber e sentir os mundos que criamos “em relação”, de modo integrado – para além do diagnóstico. Dito isso, sigamos entrando em contato com outras histórias e novas experiências de “existência-no-mundo”. Para tanto, fica o questionamento: quais histórias contadas desse universo você conhece? Venha conosco contar muitas histórias!

Palavras-chave: Pesquisa Artesanal, Transtorno Bipolar de Humor, Psicologia, Gestalt-Terapia, Experiências vividas

# **CRIATIVIDADE PARA EDUCAÇÃO (DO) SENSÍVEL COM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

NATHALY MARIA FERREIRA NOVAES

O mundo vivido é aprendido, primeiramente, pela sensibilidade e percepção. A educação do sensível busca o desenvolvimento e o refinamento dos sentidos, elaborando-os para além das experiências sensoriais. A aprendizagem, na leitura gestáltica, envolve a ampliação da awareness. O psicólogo é uma pessoa atravessada profundamente por dinâmicas socioculturais. Essa condição reverbera comportamentos e afetos na sua práxis profissional, mesmo quando não se dá conta. Assim, é fundamental a educação do sensível, ancorada no processo criativo, para o desenvolvimento de psicólogos enquanto pessoas inteiras e políticas em suas relações com consulentes. Para a Gestalt-terapia todo ser humano é criativo, pois é capaz de recriar a sua história, construir novos caminhos e possibilidades de ser no mundo. A criatividade acontece na fronteira de contato da relação organismo-ambiente e potencializa o protagonismo humano em seus processos – fundamental para a aprendizagem significativa. Objetivo apresentar estratégias para a educação (do) sensível com universitários através da criatividade na perspectiva gestáltica. Parto da minha experiência docente na graduação de Psicologia, sobretudo com temas da clínica social e da humanização em saúde, numa faculdade privada em Recife/PE. Foi realizado um estudo do tipo relato de experiência com vivências do primeiro ao terceiro período. A proposição de experimentações com o corpo, do uso de recursos artísticos em grupo, da criação de portfólio criativo-reflexivo, do desmanual de sobre(vivência) e da produção de podcast foram caminhos potentes para os estudantes ampliarem as suas percepções acerca das respectivas formas de contato com processos socioculturais de subjetivação vividos, historicamente, por grupos minorizados. Foram provocadas a liberdade e a co-responsabilidade de futuros psicólogos quanto à abertura para (re)posicionamentos no mundo, buscando construir uma ética do cuidado que tenha compromisso com a garantia dos direitos humanos.

Palavras-chave: Educação, Formação em Psicologia, Gestalt-terapia, Criatividade, Psicologia Social

# **SUPERVISÃO CLÍNICA EM GESTALT TERAPIA: TECENDO EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO**

LÍVIA BIONE  
HELENA JORNES LONGO SARAIVA  
PÂMELA DINIZ SILVA

Com este trabalho, pretendemos afirmar o caráter essencial da prática de supervisão clínica na formação e atualização de Gestalt Terapeutas, bem como partilhar o crescimento que experimentamos enquanto integrantes de um grupo de supervisão clínica à luz da abordagem gestáltica. Diante de necessidades e desafios emergentes em nosso fazer, encontramos nos encontros do grupo de supervisão, o suporte necessário para o desenvolvimento e aprimoramento dos aparatos teóricos e metodológicos que compõem a abordagem, e, além disso, crescemos com o potencial singular que reside na partilha das experiências vividas pelas integrantes do grupo. É com a compreensão do fazer clínico como processo artesanal (Quadros, 2011; 2021) que entendemos que o nosso desenvolvimento enquanto psicoterapeutas acontece em um constante fazer e desfazer, sendo este o seu próprio caráter, sua ontologia política. É a orientação com um método que inclui as práticas, as experiências como aquilo que também nos forja como Gestalt terapeutas (Juliano, 1999) que podemos vivenciar a supervisão clínica como sendo uma aventura que nos aproxima das experiências artísticas. Como gestalt terapeutas-artesãs, neste grupo de supervisão, vivenciamos a atualização constante da nossa forma, um imperativo em tempos desafiadores no campo da clínica, conscientes do caráter político que reside em nosso trabalho. Com isso, ancoramos as nossas experiências em articulações que incluem a abordagem gestáltica, a Teoria Ator-Rede e a Lógica do Cuidado proposta por Mol (2008), compreendendo-nos como sendo tecidas e, também, tecendo uma rede de cuidado mútuo, um cuidado que é uma ética e uma política que vai se desdobrando, nos compondo e compondo nosso fazer. Na prática, performamos com tais aparatos uma supervisão clínica onde todas as experiências partilhadas importam, onde todas as Gestalt terapeutas encontram e criam juntas uma rede de cuidado, com este grupo, uma rede que se expande em e para nossa prática clínica.

Palavras-chave: supervisão clínica; psicoterapia; Gestalt-terapia; artesanaria; Teoria Ator-Rede

## **OUTRAS VERSÕES DE MUNDO: O LABORATÓRIO GESTÁLTICO SUBVERTENDO A ORDEM NA ACADEMIA**

ELEONORA T. PRESTELO  
ANA BEATRIZ D. PACHECO  
LAURA CRISTINA DE T. QUADROS  
PEDRO H. A. DA SILVA

Propomos apresentar um Programa de Extensão, o “Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas”, desenvolvido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ que abrange três projetos vinculados a uma área de desenvolvimento de conhecimento e produz ações de extensão como oficinas, cursos etc. integrando a ela, o ensino e a pesquisa. Neste programa, temos os projetos de extensão: GAPsi- grupos de apoio psicológico; COMtextos - arte e livre expressão gestáltica e o Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas, projeto que dá origem ao Programa, existente há mais de 15 anos. Podemos identificar como objetivo geral do Programa, a expansão da Abordagem Gestáltica na Academia, ocupando espaços que vão além da sala de aula, produzindo efeitos de uma perspectiva de mundo mais sensível, contextualizada no campo, menos distanciada da “vida vivida”, fazendo proliferar outras versões não hegemônicas de se pensar e fazer a psicologia.

O Projeto de Extensão Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas, nasceu da demanda de discentes de graduação em Psicologia da UERJ por mais espaços em que pudessem ler o mundo através de uma “lente” gestáltica. Uma abordagem que, segundo elas(eles) na época reconheciam, os aproximavam da vida! Nesse sentido, podemos identificarmo-nos como um movimento de contracultura acadêmica, pois trazíamos para este campo uma nova linguagem, até novos costumes nas relações nós diríamos (Prestrelo & Quadros, 2018). Numa graduação ainda carente de docentes da área, a criação de um projeto de extensão se mostrou promissor na expansão dessa abordagem, e assim o foi, e tem sido! Hoje, neste projeto, expandimos as reflexões teóricas através de um grupo de estudos articulador de todos os projetos de extensão do Programa, o “Polo Gestáltico”; promovemos oficinas, onde a dimensão sensível do conhecimento é experienciada de forma integrada, não dicotomizada. Porque a dimensão sensível da experiência é o fio condutor das ações do Laboratório Gestáltico desde sua origem há mais de 15 anos, pois como não poderia ser de outra forma, numa perspectiva gestáltica acreditamos em um saber de experiência (Bondía, 2002) e organizamos eventos como discussões de filmes, lançamento de livros e simpósio - ações articuladas com a divulgação e expansão da Abordagem Gestáltica para dentro e fora da universidade, em atuações referentes a uma clínica privada e a uma clínica ampliada direcionadas a grupos específicos como crianças, adultos, mulheres em situação de violência, pacientes fora de recursos terapêuticos etc.

O GAPsi- grupos de apoio psicológico é um projeto de extensão que, desde sua origem, tem como objetivo primordial, o acolhimento a um tipo de sofrimento que muitas vezes não é absorvido pelos serviços de saúde, o chamado “sofrimento difuso (FONSECA, 2007). Um tipo de sofrimento que não é acolhido nem pela clínica médica e nem pela saúde mental, apesar de ser uma das mais importantes causas de morbidade na atenção básica. Inicialmente voltado para comunidade em torno da UERJ, gradativamente, foi se dedicando a uma camada da população diretamente a ela vinculada - os discentes. É de conhecimento público os problemas de adaptação muitas vezes enfrentados pelos discentes no ingresso à universidade, embora não muito conhecidos sejam os agravamentos que eles por vezes tomam: crises de ansiedade recorrentes, episódios depressivos, somatizações, ideações suicidas etc. Nosso projeto se propõe a fazer um trabalho que identificamos como preventivo, oferecendo oportunidade para a expressão, escuta e compartilhamento dessas mobilizações, abrindo espaço para a compreensão contextualizada dos sintomas (formas de expressão do que lhes aparece), dissolvendo cobranças exacerbadas, fantasias de desempenho, estimulando a possibilidade de olhar para potencialidades. Ao compartilhar experiências num contexto grupal acolhedor, respeitoso às diferenças, podem ouvir de seus pares formas diferentes de lidar com problemas semelhantes e descobrir novas elaborações do viver.

Palavras-chave: Laboratório gestáltico; abordagem gestáltica; saber sensível; Programa de extensão; Saberes não hegemônicos

**EIXO TEMÁTICO:  
ARTE E CULTURA  
COMO SUBVERSÃO**



# **UM CAMINHO AUTORAL NA COCRIAÇÃO DE UM NOVO TERRITÓRIO**

ROSANE DE FÁTIMA COSTA PIMENTEL  
SUELI BARBORA DO NASCIMENTO

Para nós, a narrativa está absolutamente ligada ao tema Subversão, pelo processo de marginalização e integração da personagem. Ela é rica em imagens e favorece reflexões e experiências no setting terapêutico, além de possibilitar o trabalho com paradoxos, polaridades e metáforas.

O arco da história aparece claramente no livro GT: um caminho de volta para casa, de Alejandro Spangenberg, quando o autor traz a doutrinação das escolas a serviço da lógica de trabalho e da culpabilização do sujeito por seu adoecimento; assim como, na história, a cocriação do novo mundo no deserto é muito sintônica com o conceito de self trazido por Mônica Alvim. Acreditamos que as histórias podem ser abordadas como os sonhos, olhando cada elemento destacado pela pessoa como um aspecto seu.

A proposta arteterapêutica escolhida foi iniciada com um rasgo, uma ação artística que desestabiliza, que traz uma ruptura e prossegue com a utilização de tinta e elementos da natureza. O suporte teórico para essas escolhas se encontra em Gandhi Piorski e Claudia Washington.

A criatividade que inspira o trabalho pode ser olhada pelas lentes de Joseph Zinker e Fayga Ostrower; assim como Selma Ciornai e Tatiana Fecchio nos despertam importantes caminhos dentro da arteterapia.

Palavras-chave: Arteterapia, histórias, autoconhecimento, criatividade

# **CORPO-SELF-POIÉSIS E MUSICOPOIÉSIS: SUBVERSÕES ESTÉTICO-POLÍTICO CORPORAIS EM GESTALT-TERAPIA E NIETZSCHE**

PAULO DE TARSO DE CASTRO PEIXOTO MODA NUNES

A Gestalt-terapia segue os princípios do paradigma estético das artes como forma de subversão das morais instituídas. Laura Perls afirma que a terapia se aproxima muito mais do domínio das artes que das ciências, através de sua potência subversivo-criativa.

Michael Vincent Miller, em seu artigo intitulado “Tirer un trait”, expressa que a terapia é muito mais parecida com o jazz que com a música clássica e erudita. Essa afirmação nos conduz ao encontro clínico como experiência política intecorpórea aberta ao inesperado, à ousadia, às incertezas.

P.H.G, no livro Gestalt-terapia, nos dão pistas interessantes pelo capítulo Verbalização e Poesia sobre as relações entre clínica e estética poética. Tudo isso nos leva às relações entre estética, artes, música, poesia e as relações intercorpóreas e intersubjetivas do encontro clínico.

Por sua vez, encontraremos em Nietzsche a perspectiva estético musical e poética das formas apolíneas e dionisíacas que dão novos movimentos (Gestaltung) às formas já individuadas (Gestalten).

O workshop deseja instigar os participantes às ressonâncias entre as perspectivas estéticas da Gestalt-terapia e da filosofia nietzscheana, pois, para esse filósofo corpo é self, corpo é experiência no mundo. Nos termos gestálticos, corpo é contato-self desdobrado em processos intercorpóreos-políticos.

A relação self-corpo-paixões, apoiadas pela perspectiva nietzscheana, nos inspira às relações possíveis com a estética das formas em Gestalt-terapia, música e poesia. Movimentos afetivos paradoxais se desdobram dos corpos no encontro com a músico-poiésis. O corpo-self-poiésis, corpo-fluxo, corpo-senciente, para além de uma consciência, desdobra-se em novas possibilidades.

O workshop proporcionará experiências intercorpóreas animadas pelo ambiente poiético-musical, contribuindo para a decolonização dos corpos-subjetividades de suas amarras existenciais introjetadas. Como experiência de expressão de multiplicidades, o corpo-self-poiésis, corpo-experiência, corpo-senciente e sedento por novos desdobramentos em suas formas de ser nos contatos, mobiliza coletividades e povoados dos seres de sensações, perceptos e afetos que nos habitam.

Palavras-chave: Self; intercorporalidade; Musicopoiésis; estético-política; corpo-self-poiésis

# TECENDO MANDALAS E TEANDO POSSIBILIDADES: A POTÊNCIA DA MANUALIDADE

DÉBORA RIEVRS NOGUEIRA CARVALHO

A Gestalt terapia em sua essência, segundo Zinker (2007), possibilita uma permissão para expressar a criatividade. Com base nessa premissa e costurando com a artesã que também sou, através do legado familiar, proponho trabalho vivencial que busca criar um ambiente propício para a experimentação e a conscientização sobre o que emerge da interação entre o corpo, o ambiente, as influências sociais internalizadas e a prática de criar mandalas de lã. Com o advento da modernidade, repleta de atividades e tecnologias, vivemos em uma era em que tudo chega pronto e padronizado. No entanto, é importante lembrar que o artesanato atravessa o tempo, os continentes, as gerações, as etnias, as classes sociais e articulam-se entre mundos tão diversos (Quadros, 2021). As técnicas, padrões e significados simbólicos presentes nas tecituras carregam história e identidade até os dias atuais. O trabalho em Gestalt terapia destaca a importância da corporeidade e busca expandir a consciência sensorial por meio da observação da forma corporal em cada momento presente. (Alvim, 2011). O corpo e a mente, assim como o ambiente, não são considerados isolados. Nesse sentido, o grupo também desempenha um papel na experiência de tecer mandalas, demonstrando que as experiências individuais não ocorrem de forma isolada, mas sim em interação com o coletivo. Ao criar uma mandala, existe uma forma comum a todos, e também uma abertura que destaca as diferenças que são parte da singularidade e subjetividade de cada indivíduo, trazendo a diversidade como uma possibilidade de existência. Laura Quadros (2021) dialogando com Vinciane Despret, ressalta a importância de reconhecer nossas heranças, ressignificando-a e conferindo-lhe alguma atualização. Para cumprir a proposta, começaremos checando emoções e expectativas. Explicaremos o objetivo, pediremos que escolham uma linha de lã e explorem seus sentidos manipulando e se conectando com o material. A coordenadora demonstrará a confecção da mandala, propondo cada um criar a sua, finalizando com o compartilhamento das experiências individuais e coletivas, e cada um levará o que foi produzido. O grupo terá o limite máximo de 20 pessoas, sentados em círculo.

Palavras-chave: Ancestralidade; Gestalt terapia; Artesanato; Criatividade.

## **(DES)COBRIR O CORPO COM A DANÇA DOS SETE VÉUS: COMO A DANÇA DO VENTRE NOS (CO)MOVE? PERCEBENDO AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS COM OS VÉUS EM MOVIMENTO**

DANILLA CAMARA FERREIRA

Com minha apresentação, desejo provocar reflexões sobre a dança e a experimentação do sensível. Ao longo do tempo, a dança do ventre se espalhou por diferentes culturas com diversas histórias. Uma das suas origens remete à Salomé, personagem bíblica, que encantou com sua dança um Rei para conseguir a cabeça de João Batista. Outra associa a dança a um ritual milenar sagrado, em que uma sacerdotisa dançava no templo com sete véus de cores definidas, desvestidos em meio à dança. Nas histórias, um quesito permanece como figura na dança do ventre: o movimento. A arte de mover os quadris, o dorso e o abdome de um jeito leve, revela um corpo dançante que se conecta ao ritmo e ao encantamento, contracenando com adornos. Uma dança com sombras coloniais, e que ilustra histórias populares onde todos, independente de gênero, raça e classe, dançam. Utilizo a dança dos sete véus como uma arte que nos desmonte os bloqueios de contato com nosso corpo, ampliando nossa sensibilidade, deixando cair nossos véus. Descosturando aquele lugar de “suposto saber” como Gestalt-Terapeutas, para assumirmos nosso sensível papel de um fazer artesanal na clínica com Laura Quadros e com a Teoria Ator-Rede. Pretendo tocar, com uma performance do meu próprio corpo, aquilo que a experiência prática do movimento do corpo revela. Como (co)move a dança do ventre em mim? Eu, que não domino as técnicas dessa dança, mas, que me lanço ao desafio de viver a experiência viva e presente de dançá-la. Enquanto me (co)movo, sou (co)movida a sentir a vida que habita em mim e os mundos que consigo criar e (co)mover com os interstícios entre mim, a dança e o meu estilo de dançar-no-mundo. Mostrar minha escolha de dançar pela experimentação da dança encarnada, sentida e não somente teorizada. A Gestalt-Terapia nos revela a importância de entrar em contato com o vivido e com as múltiplas configurações que as experiências nos “fazem fazer”, como diz Latour. E você? Como a dança dos sete véus lhe (co)move? A apresentação poderá ter até 50 pessoas, em um espaço para giros ampliados e movimentos com sete véus de até 2m<sup>2</sup>, com uma coreografia de dança do ventre dançada por mim, utilizando adereços próprios.

Palavras-chave: Pesquisa Artesanal; Psicologia; Dança dos sete véus; Gestalt-Terapia; Experiências vividas

# **VIDA QUE DESGASTA X VIDA QUE CUIDA: CORPO E IMAGEM NA INTEGRAÇÃO DE POLARIDADES COM SUPORTE ARTÍSTICO COMO CONDUTOR DO CONTATO**

VERONICA OTERO

A roda de conversa será conduzida a partir de um suporte audiovisual (um curta de 4 minutos chamado “Litte Boat” (“O Barquinho” em tradução livre) que pode ser encontrado no link <https://youtu.be/Hm7s7ixJZdQ>. A proposta consiste em um trabalho corporal em grupo seguido de debate com a possível apresentação de um caso clínico (devidamente autorizado a ser debatido via TCLE) pois essa experiência terapêutica individual pode servir de material técnico para a utilização desse tipo de suporte em casos de outros terapeutas e enriquecer as trocas entre os participantes. O máximo de participantes será de 15 pessoas. A hipótese da autora é a possibilidade das linguagens artísticas e visuais servirem de suporte para que o fundo da dinâmica figura x fundo possa emergir na situação terapêutica a fim de que seja possível sustentar a “ansiedade metafísica” (ROBINE, 2006) de forma mais acolhedora. Tal método pode ser eficiente em situações na qual o terapeuta não pode dar o holding tradicional da presença, como no formato online, onde vemos cada vez mais um número grande de profissionais atuando. A roda de conversa visa debater a ideia de saúde que é processo de atualização do organismo diante do mundo, através do tema do cuidado como um dinâmica entre ser e mundo. O trabalho corporal ofertado tem como proposta cuidar um pouco dos terapeutas e/ou futuro terapeutas e possui uma relação com o vídeo pois nele é exposto de forma bastante gestáltica essa relação eu-mundo do ser existencial da Gestalt-terapia.

Palavras-chave: Awareness; Contato; Técnicas projetivas; Arte

# **PARA FAZER EXISTIR O ANTES: GESTALT-TERAPIA NO BRASIL ANTROPÓFAGO**

ALEX PEDRO SILVA

Neste trabalho busca-se realizar uma aproximação entre a Gestalt-terapia e o Movimento Cultural Antropófago. A teoria psicológica inaugurada em 1951 com a publicação do livro Gestalt-therapy começa a ser difundida em solo brasileiro na década de 1970 através de workshops vivenciais, momento a qual as vivências em grupos mostravam-se como principal instrumento de formação técnica-teórica. Já o Movimento Cultural Antropófago apresentou-se como uma análise metafórica da cultura brasileira como “devoradora” de outras influências culturais em busca de uma síntese autêntica, fortalecida e transformadora da identidade nacional, em detrimento da passividade imposta pela colonização. Tanto a Gestalt-terapia quanto o Movimento Cultural Antropófago buscam romper com padrões estabelecidos e promover a integração e transformação, sendo a primeira um trabalho realizado no campo da Psicologia e a segunda uma análise macrossocial. Enquanto a Antropofagia Cultural valoriza as raízes brasileiras e a alegria como antídotos em busca da originalidade nacional, a Gestalt-terapia enfatiza a percepção consciente e a responsabilização dos consulentes no trabalho realizado no setting terapêutico. Ambas abordagens buscam a emancipação das amarras socialmente impostas, que inibem as mudanças e promovem a desvitalização das potencialidades culturais e pessoais. Pretende-se estabelecer um diálogo entre essas abordagens, recontando suas histórias, reconhecendo suas diferenças e buscando pontos de convergência, para então, compreender se há influência da Antropofagia Cultural na forma como a Gestalt-terapia foi introduzida no exercício profissional da psicologia brasileira. Por fim, refletir como esses campos podem se autoalimentarem em busca de uma atuação psicológica em Gestalt-terapia autenticamente nacional.

Palavras-chave: gestalt-terapia no brasil, antropofagia e gestalt-terapia, antropofagia cultural, gestalt-terapia brasileira.

# **TRANSCENDENDO AS VELHAS DICOTOMIAS: GESTALT-TERAPIA, ARTE E CUIDADO ATRAVÉS DO PROJETO COMTEXTOS**

LAURA CRISTINA DE TOLEDO QUADROS;  
PEDRO SILVA

Desde a prosa ritmada das batalhas de rima nas periferias das grandes cidades até a “Escrevivência” de Conceição Evaristo, metaforizando escrita com “maneiras de sangrar”, a arte em suas múltiplas formas esteve e continua se fazendo presente no cotidiano como forma de livre expressão: expressando os amores, as dores e as denúncias. A vida como ela se apresenta. Gilberto Gil, músico e compositor tropicalista, acrescenta que a “A arte é aberta, livre, ela não tem peias, não tem limites”. Sendo assim, a arte se apresenta como ferramenta onde o convite para acessar o cuidado através do sensível, os sentidos, se apresenta como possibilidade.

O presente trabalho busca discutir as possibilidades de cuidado entre Gestalt-terapia. Aqui, não se trata da arte enquanto objeto da Gestalt-terapia, mas sim, do encontro entre esses dois saberes constituindo maneiras de cuidado. Trata-se, portanto, de uma dinâmica do fazer “COM” a arte, e não sobre a arte. Ao investirmos numa ética do fazer “COM” a arte, permitimos que esta nos interpele de volta. Trata-se ainda, a partir desse “Fazer-COM”, de se produzir uma prática “distante das clássicas dicotomias corpo/mente, natureza-sociedade, sujeito/objeto, razão/emoção” (Prestrelo; Quadros e Moraes, 2018). Além disso, possibilitando o fluxo daquilo que compreendemos como “Awareness”, o fluxo da experiência do aqui-agora produzidos a partir do sentir e dos excitamentos presentes no campo (Robine, 2006).

A partir de tais compreensões, o Projeto de extensão COMtextos: Arte e Livre Expressão na Abordagem Gestáltica, do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), promove diversas oficinas através da literatura, da arte dos mandalas, fotografia, música, poemas etc como formas de suscitar a vida através da arte em diálogo com possibilidades de cuidado em grupo. Por fim, permitindo não apenas o resgate da sensibilidade, mas também a reconfiguração do sofrimento e uma percepção ampliada de si e do mundo.

Palavras-chave: Arte; cuidado; gestalt-terapia



# **GRUPOS REFLEXIVOS PARA PESSOAS IDOSAS: IDEIAS E DESAFIOS RELATO DAS EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE GRUPOS REFLEXIVOS PRESENCIAIS COM PESSOAS IDOSAS**

ALESSANDRA CARNEIRO DA SILVA  
CARLA SOUSA SILVA REICHELT

Este trabalho busca trazer reflexões acerca de grupos reflexivos com idosos, os quais são realizados através da parceria entre duas psicólogas, uma gestalt terapeuta, outra da terapia cognitivo comportamental (TCC). Considerando que a população brasileira vem envelhecendo nas últimas décadas, entendeu-se a necessidade de criação de espaços de fala para o idoso elaborar seu processo de envelhecimento e atualizar suas potências e não somente perdas. Desejando compartilhar conhecimentos de abordagens da Psicologia, experiências com grupos, com o público idoso e acreditando que a criação de grupos reflexivos é uma alternativa para suprir a demanda dessa população, especialmente da população de baixa renda, a ideia aqui é ressaltar a potência desse tipo de trabalho e expor os desafios a serem superados para sua criação: aspectos financeiros, uso de tecnologia, escolha de canais e espaços adequados, superação de preconceitos relacionados à terapia, aprofundamento de estudos sobre o tema, ampliar as possibilidades de significados das velhices, diálogo com outras abordagens. Do ponto de vista teórico, as abordagens se articularam para promover um espaço seguro, acolhedor, sem julgamentos, contribuindo para o autoconhecimento, autocuidado, aceitação das fragilidades e descoberta de potencialidades. A TCC favorecendo a descoberta da relação entre situações, pensamento, emoção e comportamento, contribuindo para a identificação de crenças disfuncionais relacionadas ao envelhecimento e a Gestalt-Terapia, por ser uma abordagem dialógica, que olha o indivíduo de forma integral, singular e em relação com o meio, contribuindo quando traz atividades que criam um ambiente de trocas de experiências, estimulam o processo da fala, o aqui e agora, a valorização das relações, o contato, as sensações corporais, as emoções, favorecendo, a partir do heterossuporte e da awareness, o ajustamento criativo. Ambas ampliando o repertório de possibilidades para lidar com essa fase da vida.

Palavras-chave: grupos reflexivos; idosos; envelhecimento saudável; psicologia

## SOBRE DEIXAR DOER: O PROTAGONISMO DA DOR NA VIDA VIVIDA

LUCAS CARDOSO DO AMARAL SOUZA

A vida é como um enorme emaranhado de possibilidades e impossibilidades. Na face do desconhecido, desvelam-se as angústias que nos visitam amparadas por nossa própria liberdade, tão paradoxal como é. Nesse trâmite, a dor, grande antagonista no contemporâneo, certamente tem a sua vez de jogar. Um dos maiores desafios da clínica gestáltica de hoje reside justamente nessa oportunidade das dores e dos sofrimentos como legítimos e não como meros objetos de despejo, indesejados e descartáveis. Há, na dor, uma parcela importante de vida. Renunciar à dor é renunciar à própria integralidade da vida. Numa perspectiva holística, não podemos fragmentar o homem em partes, como se ele fosse um somatório de elementos. Somos, enquanto seres existentes, constituídos por tudo o que nos ocorre e por tudo o que fazemos cumprir-se. Por não sermos fragmentados ou incompletos, somos também encarnados pela dor e pelo sofrer. A própria ideia de polaridades nos ensina isso na Gestalt-terapia. Não nos é viável pensar o homem como um projeto-de-ser-feliz. A clínica gestáltica não promove assepsia psíquica ou uma panaceia universal que conceda aos seres uma beatitude completa.

Intenta-se, então, pensar a possibilidade de um resgate da dor, por mais iatrogênico que isso possa soar. Uma dor não vivida não deixa de existir. Evitar a dor é evitar contato, é como tentar ludibriar a saúde. É fundamental que equipemos nossas práticas não com técnicas e métodos de reestabelecimento da produção ininterrupta de uma pseudo-felicidade, mas sim com fé e esperança na autorregulação que ocorre na figura da homeostase. Isso implica assumirmos que a dor e o sofrimento não apenas importam, mas que são elementos vitais para a nutrição e crescimento dos organismos. Evitar a dor e o sofrimento é evitar a integralidade do ser. Não-mais-sofrer não é e nunca deverá ser o destino da psicoterapia. Cuidar, enquanto ofício, é potencializar a vida em suas mais diversas formas, acolhendo todas as facetas do existir.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Felicidade; dor; sofrimento; homeostase

# **DISPOSITIVOS E FENÔMENOS DA CRISE CLIMÁTICA. CONTRIBUIÇÕES DA GESTALT TERAPIA ENCARNADA NO CAMPO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA**

AMANDA MELLO ANDRADE

O atual panorama da crise climática no mundo nos convoca a olhar pelas lentes da Gestalt Terapia, uma abordagem política e não estática, para os movimentos e dispositivos produzidos mediante aos desafios da degradação ambiental na sociedade. Na costura com o campo da experiência vivida e do campo organismo/ambiente, somos atravessados com as notícias produzidas pela mídia, onde a desigualdade social, desastres e insegurança global vêm sendo um grande desafio do século XXI. De acordo com ONU (2012, p. 09) “reconhecemos que o planeta Terra e seus ecossistemas são a nossa casa e que a expressão “Mãe Terra” é comum em vários países e regiões”. Os impactos que afetam esse lugar chamado “casa” são sentidos e experienciados por indivíduos de forma vivida ou distanciada, e mesmo o distanciamento sendo geográfico e temporal não podemos descartar como a nossa sobrevivência está envolvida com consequências diretas relacionadas ao desequilíbrio da nossa segurança existencial. Em uma paisagem que muda dentro de espaços de vida, nos deparamos com os impactos sociais e psíquicos dessa grande figura, a crise climática. Os deslocamentos forçados, nutrição e moradia deficitária, são notícias que nos atravessam os sentidos como a visão e a audição e não menos importante o tato com o desconforto das altas temperaturas e frio extremo que fazem parte de uma realidade cada vez mais frequente no mundo. Como a sociedade está se ajustando criativamente a esses fenômenos contemporâneos? (Zinker, 2007). Quais os desvios nos atravessam na noção de lugar no mundo violada? Como contatamos esse conflito e o vazio desse fenômeno? Portanto, conforme Soares (2015), a Gestalt-terapia “se abre para as incertezas e desordens inerentes à existência” (p.97). Pois, é na fronteira de contato que a experiência tem o seu lugar, na diferença que nos desajusta e interrompe o equilíbrio do organismo (Perls, 1997). E precisamos “falar com” os novos tempos marcados por crises para construirmos caminhos possíveis.

Palavras-chave: Gestalt terapia; crise climática; impactos sociais

# **AFETAÇÕES, CONFUSÕES E SUPOSTOS ENCONTROS IMPERFEITOS NAS FRONTEIRAS DE CONTATO COM PACIENTES BORDERLINE**

FLÁVIO SAGNORI MOTA; ANA BEATRIZ MONTICO ABRANCHES MAIA DE LOUREIRO; MARIA DAS GRAÇAS GOUVÊA N. SILVA  
VERONICA OTERO BRITTO PÁSSOS PINHEIRO

Este trabalho é fruto do estudo e pesquisa de um grupo de gestalt-terapeutas que atendem pessoas com Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) e parte da necessidade de maior compreensão sobre as relações estabelecidas entre os psicólogos e esse perfil de cliente. Reunimos tanto autores das origens da abordagem quanto mais atuais, entre eles Gary Yontef e Margherita Spagnuolo Lobb. Através de estudos de casos atendidos pelos psicólogos do grupo, emerge uma percepção compartilhada sobre o impacto singular que os pacientes com TPB têm sobre os terapeutas. Este impacto decorre de fatores associados à intensa solicitação emocional e à tentativa do terapeuta de dar maior contorno às vivências cindidas no percurso do atendimento. São desafios relacionados à complexidade desse diagnóstico: a dificuldade em integrar a grande quantidade de informações disponíveis e demandas que chegam junto com o indivíduo com TPB, além da constante necessidade do psicólogo em estabelecer os limites e as regras dessa relação. Esta discussão é particularmente relevante para a GT, dado que muitos estudos têm focado predominantemente no diagnóstico do TPB, sem olhar para a perspectiva do terapeuta no processo clínico. É sob a ampliação do olhar para as afetações do terapeuta e as perturbações das fronteiras de contato que o presente trabalho pretende superar uma perspectiva individualizante e reducionista no tratamento e compreensão do TPB. Nessa perspectiva, como resultados das investigações realizadas, ressaltamos a importância de considerar as afetações do terapeuta como ferramenta de orientação no manejo clínico e não como problemas ou ressonâncias indesejadas.

Palavras-chave: Borderline; Relação terapêutica; Fronteira de contato; Afetação; Sofrimento Emocional Agravado

# **RETROFLEXÕES NOS AJUSTAMENTOS DE HOMENS GAYS CIS: DIÁLOGOS ENTRE A TEORIA DE ESTRESSE DE MINORIA E A GESTALT-TERAPIA**

FLÁVIO SAGNORI MOTA

No cenário brasileiro atual, nunca foi tão importante articular conhecimentos de outros campos de saber com a Gestalt-Terapia com o objetivo de cultivar uma escuta clínica mais sensível ao sofrimento de clientes LGBTQIAPN+. Focando especificamente em homens gays cis, o presente estudo tem como objetivo promover discussões acerca de possíveis interseções entre a teoria de estresse de minorias (EM) de Meyer (2003) e o conceito de retroflexão e a teoria do self da Gestalt-Terapia (PHG, 1997). Além da articulação teórica, este trabalho conta também com trechos de falas de dentro e fora do consultório (clientes, filmes, entrevistas, etc). Tendo suas bases teóricas na psicologia, sociologia, saúde pública e assistência social, a teoria do EM postula de forma interseccional que o preconceito vivenciado por homens gays cis está associado ao maior comprometimento de saúde mental e física em comparação com heterossexuais. Nesse contexto a teoria destaca três estressores específicos: 1) experiências de preconceito relacionadas à orientação sexual; 2) homofobia internalizada e 3) ocultação da orientação sexual. Assim, nessa minoria sexual podemos encontrar maiores índices de ansiedade social, automutilação, suicídio, autodepreciação, aversão a expressões de feminilidade, ruminações, supressão emocional, etc. Tais manifestações podem ser entendidas na Gestalt-Terapia como relacionadas à retroflexão. Segundo PHG (1997), a retroflexão é uma interrupção que acontece durante o conflito e a destruição no processo de contato e seria marcada pelo redirecionamento para si das energias que iriam para o meio. Nesse momento do processo de contato, é predominante a função personalidade do self. Assim, pode-se relacionar a teoria do EM com a Gestalt-Terapia com o objetivo de gerar uma maior compreensão e embasamento teórico para o acolhimento do sofrimento de homens gays cis.

Palavras-chave: homofobia; estresse de minoria; retroflexão; estigma; LGBTQIA+

# **SER DIFERENTE É NORMAL: O BULLYING NAS ESCOLAS COMO UM AJUSTE CRIATIVO DISFUNCIONAL**

JÉSSICA CAMELO

Este relato se refere a um trabalho realizado em 03/11/2022, quando atuava como psicóloga em um dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) de São João de Meriti-RJ. Como a proposta destes equipamentos públicos se baseia na interlocução entre os dispositivos e cidadãos, é comum que setores da Saúde e da Educação, por exemplo, busquem auxílio nos CRAS para ações de prevenção e demais cuidados no território adscrito.

Fomos convidados a falar com os alunos de um CIEP sobre um problema recorrente: o Bullying. Compreendendo que “quando a diversidade não é acolhida, a desigualdade é legitimada” (CHALITA, 2008, p.128), nossa equipe técnica, propõe um diálogo participativo a fim de conscientizar aquelas crianças e adolescentes.

Para a Gestalt-terapia, o indivíduo realiza constantes ajustes criativos em seu processo de autorregulação (PERLS et al, 1997). Podemos dizer que o autor do bullying busca se autorregular quando suas necessidades não são atendidas, o que seria um ajuste criativo disfuncional, pois a agressividade é usada de maneira destrutiva, colocando o outro em sofrimento (URURAHYL, 2015).

Realizamos uma dinâmica chamada “Discriminação, não!”, com o objetivo de exemplificar que tais atos devem ser combatidos, baseando-se também na conquista do sentimento de empatia. A atividade era pautada na escolha de alguns participantes que se voluntariavam para designar tarefas a outro colega. Em seguida, anunciávamos que os que haviam delegado as funções, eram os que deveriam realizá-las. Era uma grande diversão pensar nas hipóteses, principalmente porque a maioria escolhia tarefas constrangedoras e engraçadas.

Após muitas trocas e conscientização do papel de cada ator ali presente, fechamos nossa roda de conversa com o videoclipe da canção de Preta e Gilberto Gil “Ser diferente é normal” que fala sobre a importância do respeito à diversidade. O êxito do trabalho se deve ao potencial transformador e responsabilidade sócio-política, base de nosso compromisso ético.

Palavras-chave: Bullying; Assistência Social; Discriminação; Ajustes Criativos; Diversidade

## **GESTALT ARTESANAL NA CLÍNICA E NA PESQUISA: COSTURAS COM TAR E GESTALT-TERAPIA**

LAURA CRISTINA DE TOLEDO QUADROS

Nossa proposta é discutir o fazer clínico (e o tornar-se clínico) como uma construção artesanal articulada com a vida que acontece desde os engates da pesquisa, passando pela formação do terapeuta, até a arte de formar outros terapeutas. Entendida enquanto tal, estes modos de fazer só poderiam ser acompanhados na prática como uma artesanania caracterizada pelos detalhes e pela singularidade. A Gestalt-terapia apoiada pelos conceitos de contato (incluindo a ideia de fronteiras e funções de contato) e awareness como potências no processo terapêutico, nos aproxima, ao nosso ver, de um viés mais sensível do que técnico, trazendo desafios e convocando-nos a esse fazer artesanal. A Teoria ator-rede tem como proposição metodológica de seguir os atores, acompanhar suas ações, suas próprias práticas. Acompanhar processos como propõe a TAR, nos convoca uma percepção refinada, além de requerer nossa sensorialidade, bem como a presentificação do corpo que nos mantenha atentos e ativos. Assim, enfatiza-se o fazer, o movimento, os caminhos trilhados, concedendo destaque as práticas como inspiradora da teoria. Ao adentrarmos pelo caminho de valorização das práticas consideramos fundamental re-conhecer as muitas estratégias, ajustes criativos, arranjos possíveis que usamos para sustentar modos de viver (ou sobreviver). Há sabedoria, genialidade e sobretudo mobilidade. Portanto, as práticas de vida se movimentam, se recriam, se inventam no cotidiano, por vezes árido mais do que acolhedor. Acompanhar é também inventar, fazer o mundo girar. A gestalt-terapia abrange esse aspecto dinâmico, criativo e, embora existam fundamentos básicos, somos provocados a inventar, criar e recriar formas de atuação para questões que emergem tanto no campo da psicoterapia, quanto da pesquisa, tornando cada processo uma experiência singular. Das invenções desenvolvem-se formas diferenciadas de atuação, transformando espontaneamente nossa prática numa artesanania de intervir pela sensibilidade.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Prática clínica; Prática de pesquisa; Teoria ator-rede; Fazer artesanal.

**EIXO TEMÁTICO:  
DIÁLOGOS SUBVERSIVOS E  
TRANSDISCIPLINARIDADES**



# **PERDOANDO DEUS: UM CONTO CLARICIANO PARA A VIVÊNCIA CLÍNICA**

LUCAS CARDOSO DO AMARAL SOUZA  
RENATA FERREIRA DE AZEREDO

O presente workshop trará uma aproximação interpretativa de um conto de Clarice Lispector, chamado Perdoando Deus. Elucidaremos acenos para o exercício do(a/e) profissional psicólogo(a/e) na clínica, fruto do trabalho de pesquisa de nossos doutorados que vem sendo desenvolvido no PPGPS/UERJ, sob orientação de Laura Quadros.

O conto apresenta uma mulher que andava tranquilamente por Copacabana e se sentia tão satisfeita com o que via, que aspirou ser a mãe de Deus, já que tudo era lindo. Mas eis que de repente, ela quase pisou num enorme rato morto. Tal experiência abrupta lhe roubou o amor que pensara ser capaz de dar, pois percebeu que para ser mãe de deus precisaria amar todas as coisas, e não podia. O Deus que ela inventara não existia, pois este amava também os ratos. De que modo este conto colabora para a reflexão da vida do cotidiano, destes que buscam a psicoterapia como apoio, justamente quando (quase) pisam num “rato morto”? É possível sustentar um espaço de análise sem almejarmos corrigir a própria vida em seu acontecimento? Eis aí o grande desafio da clínica, da vida, endereçado a nós mesmos. Como podemos aprender a amar aquilo que não compreendemos? A razão nos leva a repelir o sujo, mas não haveria, em tudo que é vivo, ao mesmo tempo, o sujo constitutivo?

Leremos na íntegra um conto de Clarice e abordaremos, na sequência, aspectos que dialogam com o exercício do clinicar em articulação com o método que nos leva na clínica e também na escrita de nossas pesquisas, que é artesanal, como pensa Quadros. Proporemos, a partir de frases que levaremos impressas previamente, dividir os participantes em pequenos grupos (máximo de 25 participantes), visando estimular uma experiência pessoal e coletiva a partir dos respectivos dizeres claricianos. Na sequência, os grupos se organizarão conforme o campo permitir e trabalharão com frases extraídas do conto. Ao fim, promoveremos uma roda de partilhas das experiências provocadas pelo conto, alinhavadas com conceitos da fenomenologia-existencial e da Gestalt-terapia.

Palavras-chave: vivência; clínica; Clarice Lispector; Perdoando Deus

# **NÃO SOU DA PAZ - MONÓLOGO TEATRAL E DEBATE SOBRE VIOLÊNCIA ARMADA**

JAKENIA NASCIMENTO  
THAMIRIS CARLOS DE SOUZA

Como encontrar a paz se existe hoje, em todo território nacional, um elevado número de mortes de jovens entre 15 e 29 anos, desse número, a maioria assustadora é de jovens negros moradores das periferias urbanas? Em que momento a harmonia se configura neste contexto? Faz sentido subjetivar a paz como se fosse possível alcançá-la individualmente?

O monólogo é baseado no poema “Da Paz”, do poeta baiano, Marcelino Freire. A protagonista – interpretada por Jakenia Nascimento – é uma mulher de meia idade, que expressa seu cansaço em relação às manifestações pacíficas, que mais atendem aos interesses políticos. Levanta questões importantes sobre desigualdade social, sensacionalismo sócio-político, violência armada e demais formas de violências, que afetam, principalmente, os grupos mais vulnerabilizados e marginalizados na sociedade. Sobretudo, dentro de uma compreensão de classe, raça e gênero.

O discurso transgressor da personagem, desafia a ordem social e moral. Revela como a dor e o luto podem afetar a forma das pessoas se engajarem em movimentos que buscam mudanças sociais significativas. Ela representa aqueles que estão lutando sozinhos em suas vidas diárias e que se sentem desencorajados diante das violências, da falta de justiça e igualdade em suas comunidades.

O monólogo teatral tem aproximadamente 20 minutos de duração.

Logo após a apresentação, será aberto um debate a respeito das temáticas abordadas no monólogo. O debate será mediado por Thamiris Carlos de Souza, Psicóloga, Gestalt-terapeuta, que possui experiência com temas e demandas que perpassam aspectos vivenciais de raça, gênero, sexualidade, religiosidade e espiritualidade.

Palavras-chave: teatro; poesia; violência; racismo; subversão

# **FAMÍLIA, AMOR E (NÃO) MONOGAMIA**

GABRIEL CAUMO

O presente minicurso dialoga áreas da antropologia e de estudos decoloniais com conceitos da gestalt-terapia e das abordagens sistêmicas para discutir a construção da concepção de família, amor e monogamia como entendemos hoje. O objetivo é discorrer a partir de uma perspectiva decolonial a relação entre família nuclear, amor romântico e o sistema monogâmico. Esses temas serão trabalhados em cima dos conceitos gestálticos de campo, introjeção e fronteira. Espera-se que os participantes possam ampliar suas noções sobre essas temáticas, compreender o impacto da colonialidade na construção das mesmas e, assim, promover o senso crítico acerca das relações na contemporaneidade e no contexto brasileiro.

A ideia de Família como entendemos hoje tem como ponto de partida a transição de sociedades nômades — de caçadores e coletores — para sociedades agrícolas, nas quais surgem a noção de propriedade privada. Essa demarcação de territórios trouxe a necessidade de definir herdeiros para as terras e bens acumulados. Por conta disso, a certeza da paternidade e a restrição sexual da mulher se tornaram essenciais como forma de garantir que a herança fosse passada aos legítimos herdeiros. Logo, a monogamia (entendida aqui como exclusividade romântica e sexual) passa a ser o único modelo relacional legitimado pelo estado e pela igreja católica (STARLING, 2021).

A valorização do Amor Romântico no Ocidente é o resultado de uma longa evolução cultural. Desde as ideias filosóficas da Antiguidade, passando pelos ideais do amor cortês medieval, até a exaltação do individualismo romântico, o amor romântico tornou-se um pilar central da cultura ocidental. Em seu cerne carrega algumas concepções como: o ser humano é incompleto e necessita de uma outra pessoa para se tornar inteiro (fusionamento); a monogamia é natural e inerente ao humano; a fidelidade é uma prova de amor. (LINS, 2012).

No Brasil, com o processo de colonização e genocídio dos povos nativos, os colonizadores importaram e impuseram seus modos de viver; e de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Do ponto de vista individual, introduziram a noção de pecado e a moralização do desejo; do ponto de vista relacional, importaram a noção de posse uns dos outros, individualismo e a incompletude do humano que precisa encontrar sua alma-gêmea; e do ponto de vista sistêmico, impuseram aos povos originários a noção de propriedade privada (NÚÑEZ, 2023).

O minicurso será dividido em três momentos: “Campo”, onde serão apresentados os conceitos de família, amor e sua relação com o sistema monogâmico

co; “Introjeções”, com mitos do amor romântico, da monogamia e questionamentos sobre temas relacionais (confluência e relação dialógica); e “Fronteiras”, abordando limites, acordos, fidelidade e formas relacionais não monogâmicas, a fim de conceber outras possibilidades de relação.. O minicurso é básico e requer apenas um projetor de slides e um notebook.

Palavras-chave: família; amor; monogamia; campo; introjeções

# **O TAO DO SELF: CONTATOLOGIA E A ETOLOGIA PERIPATÉTICA DOS CONTATOS**

PAULO DE TARSO DE CASTRO PEIXOTO MODA NUNES

O minicurso 'O Tao do Self: Contatologia e a Etologia peripatética dos contatos' propõe a experiência sensível e estética sobre o conceito de self como processo, como travessias que atravessam travessuras peripatéticas das formas dos contatos corpóreos-intersubjetivos. Self, compreendido como processo-caminho, será desdobrado em sua apresentação (ROBINE, 1998), através da teoria do caminho da filosofia taoísta, visibilizada por Goodman (apud VINCENT, 2015).

Conforme Robine (op. Cit.) a perspectiva de self como processo de contatar não o indica como uma entidade preexistente e que precisa ser revelada, manifestada e explicada através de uma hermenêutica dos sentidos advindos das profundezas do inconsciente ou de qualquer outra 'dimensão' ou 'propriedade' individual. Aquilo que é nomeado como self, em Gestalt-terapia, pode ser compreendido e, sobretudo, percebido como emergência poiética, manifestação, expressão espontânea dos ajustamentos e desajustamentos criativos dos contatos intermundos, entre o organismo-ambiente, indivíduo-situação.

O público será convidado ao contato com o mundo estrangeiro que trans-borda as experiências dos devires das formas contatuais em movimento e que produzem o afeto de absurdo, conforme nos diria Camus (1985), em sua relação com as incertezas e movimentos intempestivos dos encontros. Podemos desenvolver a capacidade do "devir etólogo" ao acompanhar os movimentos das formas dos contatos.

Apresentaremos os efeitos subversivos e transdisciplinares do Tao do Self e a construção de espaços relacionais heterotópicos (FOUCAULT, 2009) no programa de Educação Permanente Vidas em Rede – Network Lives – Educação, Saúde Mental e Psicopatologização da Vida, destinado aos educadores da rede pública de vários municípios e para as mães de crianças e jovens ethosdiversos, ethosingulares. O programa de Educação Permanente Vidas em Rede faz parte do projeto de pesquisa 'Ecossistemas de Garantias e Rede Rizoma de Proteção à criança e ao adolescente' realizado pela Universidade Livre e o Laboratório de Emoções, Afetos, Sociedade & Subjetividades (LEMASS) da Secretaria Adjunta de Ensino Superior de Macaé na parceria interinstitucional com a 1ª Promotoria de Justiça da criança e juventude de Macaé (RJ) e do Comitê Intermunicipal e Interinstitucional na Garantia de Direitos e da Rede de Proteção à criança e ao adolescente.

Serão apresentados os caminhos e os processos (Tao do Self) de sensibilização das percepções de educadores, mães de crianças e jovens ethodiversos e outros protagonistas que levam a perspectiva da Contatologia para mais de 4.000 alunos da rede pública de ensino e comunidades. A abordagem gestáltica trans-bordando contatos mais potentes e vitais na garantia de direitos à existência e ao protagonismo ético-estético-político de educadores-comunidades-crianças-jovens.

Público e aprofundamento: intermediário – avançado.

Palavras-chave: O-Tao-do-Self; Contatologia; Etologia-dos-contatos; Peripatetismo-das-formas; Transdisciplinaridades

# **CORPOS ALHEIOS À RÉGUA DE GÊNERO: ESPAÇO-TEMPO DA NÃO-BINARIEDADE E GESTALT-TERAPIA**

TATIANA CAMPBELL

Para onde caminham os corpos quando decidem deslocar-se do sistema binário de gênero? É possível ocupar um “não-lugar”, enquanto a norma ocupa lugares espaçosos e violadores? As perspectivas conservadoras religiosas e médicas nos afirmam tecnologicamente, através de gritantes e sutis representantes da polícia do gênero que, quem não está de acordo com os eixos da cisnorma (Vergueiro, 2016), está relegada a uma inexistência física e/ou simbólica. Não somos apresentadas, portanto, a duas possibilidades de gênero, já que não é possível o trânsito entre elas; o que a norma nos imprime são dois diagnósticos crônicos e irrefutáveis de gênero. Porém, quando as multiplicidades se manifestam em criação de identidades-territórios, o que fazer com a lealdade ao binário, há tanto tempo integralizada como caminho único? Assim, pretende-se neste trabalho explorar interlocuções entre a não-binariedade (marcada aqui como um campo de multiplicidades espaço-tempo fora da linearidade do gênero), em muitos discursos e práticas relegada a um “não-lugar”, e a teoria do self (Perls, Hefferline e Goodman, 1951), que dentre os processos que compõem a fluidez do seu sistema, resguarda as moralidades às quais servimos com lealdade para uma regulação redutora de conflitos, e, conseqüentemente, mais adaptada às normas que regulam a sociedade. Os autores abordam a importância em marcar as instituições sociais como bases para o ajustamento neurótico e as transgressões como base para o ajustamento criador. A Gestalt-terapia não se alinha, portanto, a teorias essencialistas que concebem a existência de uma natureza humana pré-discursiva. Como forma de conferir substância à ideia de criação de novas identidades não-binárias, o entrelace entre não-binariedade e teoria do self será enriquecido com o conceito de “território” explorado por Anzaldúa (2021) e de construção de um novo lugar político apropriado por corpos dissidentes a partir do abandono do gênero, apresentado por Azevedo (2024). A necessidade para a construção deste estudo é vivenciada corporalmente pela pessoa autora deste trabalho, através da tentativa arbitrária de encaixe de corpos não-binários em territórios binários legitimados socialmente. Pretende-se, assim, fomentar a discussão sobre lugares habitados: a partir das rupturas e de uma construção de uma nova existência, surge um território substancial com conceitos, possibilidades e fragilidades circunscritas. Sendo a não-binariedade um assunto em recente ascensão em estudos acadêmicos, sendo mais discutido no Congresso Nacional do que na academia (Azevedo, 2024), apresentar com nitidez as fronteiras que compõem a relação da

não-binariedade com o mundo se faz urgente como reivindicação de lugar político. Afinal, quem pode narrar a si mesma e ser escutada a partir de um lugar inexistente, sem fronteiras?

Palavras-chave: Gênero; Não-binariedade; Self; Gestalt-terapia; Território



# **TEORIA DO SELF, FRONTEIRA DE CONTATO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

FLAVIA SILVA

A proposta deste minicurso é expor e abrir a possibilidade de debate com um pequeno grupo a respeito da violência de gênero sob a perspectiva dos conceitos da gestalt-terapia da teoria do Self e fronteira de contato. O recorte será a respeito da teoria do Self como produção de subjetividade, movimento de tornar-se na relação eu-outro-mundo e relações de gênero. O convite será em torno de pensarmos a experiência de estar no mundo nesse campo de experiência do Ser-mulher no ocidente, em que há uma espécie de fixação em uma normativa eurocentrada, heterossexualizada e cisgênero. Uma normativa que ao naturalizar determinados corpos marginaliza e patologiza tantos outros. O que a autora Sara Ahmed (2022) se refere como caminhos muitos trilhados, rastros históricos, uma marca temporal que dirige nossos corpos como se não houvesse outra forma, e todo corpo que não segue a trilha seria um desviante, um dissidente. Nossa proposta é discutir tal fixação como tentativa de colonização dos corpos, nesse sentido o corpo será pensado enquanto corpo território, uma noção espacial subjetiva do “eu”, delimitada por uma fronteira. Para nós gestalt terapeutas a fronteira de contato é um espaço temporal em que o encontro com o outro acontece, não é um lugar concreto, mas um espaço de existência, em que o encontro com a diferença ocorre. Pensar nesse corpo-território, em que ocorre a tentativa invasiva de colonização alude a uma experiência espaço temporal eu-outro-mundo de maneira hostil, se referindo também à maneira como nós mulheres iremos habitar esse território corporal. Silva (2024) explicita tal invasão como uma espécie de tentativa de colonização, não só de nossas fronteiras corporais, mas vai muito além disso, se caracteriza por uma tentativa de demarcação subjetiva e simbólica, em nosso espaço de existência. Envolvendo corporalidade, temporalidade, espacialidade, ou seja, nosso ser e estar no mundo, nossa fronteira de contato.

Palavras-chave: Colonização; Corpo-Território; Fronteira; Ser-mulher

# **O QUE PODE SIGNIFICAR O LADO DE FORA NA GESTALT-TERAPIA: MARIA CRISTINA FRASCAROLI (TSALLIS) HOJE**

ALEXANDRA CLEOPATRE TSALLIS

Maria Cristina Frascaroli (Tsallis) é uma das pioneiras da Gestalt brasileira. O objetivo deste trabalho é apresentar o que temos a aprender com ela. Conhecida como a gringa, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro por 25 anos, Cristina é hoje uma pessoa com alzheimer grau 3. A pergunta que ela nos faz para iniciar o processo é: aonde começa o corpo? Aonde termina o corpo? Para responder a isso, “ficando com o problema” (Haraway, 2019), é preciso que possamos assumir o corpo não apenas por aquilo que está circunscrito a pele, mas também por tudo aquilo que está do lado de fora dessa pele (Santos et all, 2022) e, contudo, permanece vinculado. Merleau-Ponty na Fenomenologia da Percepção em 2006 formula a proposição de um corpo estendido quando discute, por exemplo, a bengala. Se seguirmos a bengala de uma pessoa com deficiência visual, facilmente, chegaremos às barreiras presentes a esse corpo-bengala. O modelo social da deficiência nos ensina que essas barreiras não estão na cegueira ou baixa-visão, elas estão no mundo. Portanto, o exercício inclusivo supõe que estejamos dispostes a removê-las. Como remover na Gestalt-terapia as barreiras frente ao alzheimer de uma de suas pioneiras? Maria Cristina Frascaroli (Tsallis) segue ensinando e explica que sua cognição já não pode estar guardada por sua cabeça, sua cognição está distribuída no seu lado de fora. Para que ela possa ser sentida e percebida, será preciso que coloquemos em movimento ações anticapacitistas que possam remover do mundo as barreiras para que apostemos nas histórias dessa comunidade gestáltica.

A metodologia desse minicurso será partir de algumas perguntas: Por que voce está aqui nesse mini curso? O que te trouxe? O que você sabe dessa história? Como está vinculade a ela? Com esse mapeamento inicial iremos podendo contar, coletivamente, as histórias de um corpo cuja a cognição se encontra distribuída pelo lado de fora.

Palavras-chave: lado de fora; marcadores sociais da diferença; comunidade gestáltica; anticapacitismo.

## **ENTRE DUREZAS E SUAVIDADES: PENSANDO COMPREENSÕES DE DESENVOLVIMENTO E SUAS INFLUÊNCIAS NO MANEJO CLÍNICO EM GESTALT- TERAPIA**

VANESSA RIBEIRO DE OLIVEIRA  
DENISE CONCEIÇÃO PARANHOS DA PAIXÃO

A presente roda de conversa pretende articular perspectivas em Desenvolvimento, das contribuições de Violet Oaklander, Adelma Pimentel e Margherita Lobb, relevantes para uma concepção de desenvolvimento compatível com as bases epistemológicas da Gestalt-terapia. Utilizando trechos dos filmes *Divertidamente 1* e *2* como disparadores da discussão de possibilidades de compreensão e manejo clínico, tendo a arte como suporte e recurso, sobretudo, diante de fundos de segurança. A criança nasce conectada e congruente com seus sentidos, necessidades, emoções e formas de expressão. Fatores desenvolvimentais podem interferir nesse funcionamento, com ajustamentos que podem anestesiar os sentidos, restringir o corpo, bloquear as emoções, e afetar o intelecto (OAKLANDER, 1980, 2022). Perturbações na fronteira de contato, ligadas à proteção do self, estão na base de muitas experiências e comportamentos infantojuvenis. Pimentel (2005) utiliza o termo *Metabolização psicológica* como referência ao movimento de recepção, assimilação e eliminação de fatores presentes no desenvolvimento. A alusão aos processos de digestão nos aproxima do que Perls (2002) tratava em *Ego, Fome e Agressão*, sobre a importância da agressividade nos processos de contato. A nutrição psicológica será impactada pela metabolização, fortalecendo ou enfraquecendo o senso de eu. Apresentando o *Desenvolvimento Polifônico de Domínios*, Lobb (2023) alcança a articulação do desenvolvimento do cliente, da riqueza do aqui-e-agora com o apoio à intencionalidade de contato bloqueada no contato precedente. A perspectiva do psicoterapeuta sobre o desenvolvimento do cliente será parte do campo fenomenológico cocriado. O desenvolvimento dos contatos da pessoa ao longo do tempo nos mostrará como ela operou as modalidades em seus relacionamentos, “modos de ser com”. Para as autoras, as experiências são norteadoras ao longo do desenvolvimento. Com isso se aposta na experimentação, como propõe Alvim e Ribeiro (2009), na psicoterapia como um campo de experiência, inclusive das ambiguidades presentes no mundo e nas relações. A arte pode facilitar processos de conscientização, expressão e integração, portanto, da nutrição emocional.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Gestalt-terapia; Domínios; Arte; experimentação.

## **O ENCONTRO CLÍNICO MARCADO PELA DIFERENÇA RACIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES**

EDUARDO CREMER

Dado o racismo estrutural em nossa sociedade e suas consequências para o campo subjetivo, torna-se relevante pensar nas possibilidades de encontro clínico entre duas pessoas racialmente diversas.

O racismo no Brasil é fruto de uma história escravista que tem consequências até hoje em diversos âmbitos. A população preta (aqui entendida como pretos e pardos) constituir 55.8% da população brasileira, mas somente 9.3% destes possuem ensino superior completo, enquanto brancos somam 22.9%. Como consequência dessa estrutura temos privilégios para os brancos, como ressaltam os estudos sobre branquitude e a racialização dos não-brancos (CARDOSO, 2010).

Os estudos sobre a branquitude têm surgido como uma forma de convocar os brancos à responsabilização frente ao racismo, ressaltando os privilégios dos brancos da esfera simbólica à material, decorrentes da discriminação racial concorrendo para uma visão crítica sobre esse processo.

O CFP, em sua resolução 018/2002, afirma “o preconceito racial humilha e a humilhação social faz sofrer”, portanto cabe a nós, Gestalt-terapeutas, um trabalho que procure mitigar seus efeitos. Em uma revista do próprio CFP, sobre relações raciais, o órgão adverte: “é preciso que as (os) atuais e futuras(os) psicólogas(os) compreendam de forma mais ampla e específica com se dão as relações raciais existentes na sociedade e, principalmente, que há um sofrimento psíquico peculiar, sutil e explícito presente no cotidiano da vida de pessoas negras” (p. 107).

Nos cabe pensar de que forma psicólogas(os) brancas(os) orientados pela Gestalt-terapia podem acolher a demandas de suas e seus clientes através de uma perspectiva que contempla a racialidade como componente desse campo? Dado, como já vimos, que os brancos ainda devem ser maioria nesse campo profissional.

De antemão, algumas pistas a serem levadas a roda de conversa: Alvim (2019) coloca que nossa experiência clínica é intercorporal, dessa forma o terapeuta não é um mero espectador do que o outro diz, é partícipe da cena, encontrando o outro numa dimensão sensível. Já Robine (2015) sugere aproveitar a experiência imediata para colocar em xeque os preconceitos já estruturados ou introjetados.

Palavras-chave: racismo; relação terapêutica; branquitude; intercorporeidade; preconceito

## **MÃES SEMNOME: UM ABRIGO PARA O LUTO MATERNO**

MARIA LAURA DO AMARAL BALDASSARI  
MÁRCIA NOLETO; NATÁLIA SPERANÇA DE MORAES MELL

O luto materno é um processo complexo e singular, marcado por uma dor profunda, é tido por muitas mães enlutadas como “a pior dor do mundo”. A perda de sentido do mundo-da-vida é intrínseca e central na vivência desse luto. É necessário destacar que vivemos um momento histórico em que a expressão pública do sofrimento de enlutados se tornou interdita, devendo ser expressa com discrição. Não suportando enfrentar os sinais da morte, a sociedade procura suprimir os sinais do luto. Concomitantemente, os próprios enlutados percebem os demais como incapazes de compreendê-los, preferindo não falar sobre seu sofrimento. Diante dessa realidade, o Grupo Mães Semnome busca proporcionar um espaço acolhedor e seguro para mães enlutadas. A Gestalt-Terapia, com sua ênfase no presente, na experiência imediata e na autorresponsabilidade, proporciona um ambiente terapêutico propício ao cuidado do luto. O objetivo desta roda de conversa é compartilhar experiências e reflexões a partir das vivências e trocas com as mães do Grupo Mães Semnome embasadas na teoria da Gestalt-Terapia. Abordaremos temas como: a importância da escuta ativa e empática na construção de um vínculo terapêutico seguro; o manejo das diversas formas de expressão do luto materno; o papel da criatividade e da expressão artística no processo de luto; o desenvolvimento de estratégias para lidar com os desafios do dia a dia, como o retorno à rotina e o cuidado de outros filhos. Através do Grupo Mães Semnome, as mães podem integrar a experiência da perda à sua história de vida; reconhecer e valorizar suas próprias forças e recursos; dentre outros. Acreditamos que a Gestalt-Terapia, ao oferecer um espaço para a expressão autêntica das emoções e exploração das vivências relacionadas à perda, contribui significativamente para o processo de luto materno. Esperamos que este espaço convide profissionais da psicologia a pensar sobre a importância do luto materno e do aprimoramento das práticas terapêuticas direcionadas a esse público. Em uma reflexão sobre os possíveis modos de cuidado que podem ser oferecidos aos enlutados, a experiência vivida pelos próprios enlutados não pode ser desprezada.

Palavras-chave : Luto; Luto materno; Gestalt-Terapia

**EIXO TEMÁTICO:  
OS CORPOS COMO  
SUBVERSÃO**

# **MAIS QUE PALAVRAS: A EXPERIMENTAÇÃO DO DIÁLOGO E DO SILÊNCIO NA CLÍNICA DA GESTALT-TERAPIA**

EDUARDO DE SEQUEIRA CREMER  
JESSE GUIMARÃES DA SILVA

O presente trabalho resulta das reflexões de duas pesquisas de pós-graduação acerca do silêncio, fala, expressão e linguagem, e da poesia falada como produção de sentido. A partir da investigação fenomenológica e gestáltica, abordou-se a experiência da poesia falada enquanto produção de vozes performadas que possibilitam a restituição de uma unidade perdida que inclui texto, sonoridade, gesto e ritmo. Reflexão circunscrita ao silêncio e suas expressões – na ausência de fala e nos espaços entre as palavras –, ao compor o sentido do que é dito, além do significado retórico da própria linguagem. As palavras trazem um mundo de significados, traduzidos pela poesia, de modo que a existência sonora da voz vivida na coexistência com o mundo favoreça aberturas sensíveis e espontâneas para novas significações. A partir das dimensões da intercorporeidade e da espacialidade, a atividade teórico-vivencial busca propiciar um espaço de experimentação do silêncio e da palavra capaz de promover outras intertextualidades corpo-palavra-voz-gesto. Restrita a um grupo de 40 participantes, a atividade se desenvolverá da seguinte forma: 1) o grupo caminha e explora seus corpos e o espaço físico no qual se encontram, dividindo-se em duplas; 2) cada dupla realiza um atendimento clínico usando a escrita de palavras em uma cartolina; 3) cada dupla busca sua experiência de contato e de awareness a partir das palavras registradas (até este momento, a atividade será desenvolvida em silêncio); 4) descrição da experiência do silêncio; e 5) partilha com o grupo sobre o experimento. A atividade deverá ocorrer em um espaço físico que abarque o número de inscitos, além de cadeiras e uma caixa de som. Com este workshop pretende-se favorecer a ampliação das condições e dos recursos presentes na relação consigo e com o outro, a partir da experiência de campo, da totalidade da situação, dos gestos, dos silêncios, das consonâncias como modos possíveis de sensibilidade. A partir do caráter estético da palavra e do silêncio, revelado no encontro com o outro e na expressão que interpela, busca-se suscitar possibilidades de abertura a uma dimensão intersubjetiva e novos regimes de sensibilidade.

Palavras-chave: Palavra; Silêncio; Linguagem; Gesto; Intercorporeidade

## **CABELO É CORPO: DORES E ATRAVESSAMENTO DAS MULHERES NEGRAS NA VIVÊNCIA DA ACEITAÇÃO DO PRÓPRIO CABELO**

MARIANA LIRA DÁLIA

No Brasil 50% da população se declara negra, temos uma formação em Psicologia que privilegia o conhecimento eurocêntrico com poucos recursos clínicos para lidar com as dores experimentados pela população negra. Em 2012 o tema cabelo chega a primeira vez na clínica enquanto conteúdo uma mulher sem discurso racial objetivo mas inquieta sobre a filha de 8 anos levada para alisar o cabelo sem seu consentimento. A criança volta querendo fazer uso da chapinha da sua mãe. Minha cliente alisava o cabelo não sabia como lidar com isso. Pensar sobre a aceitação do próprio cabelo parece estranho sobre algo que deveria ser natural. Nascer com ele não é uma regra entende-se que o cabelo na perspectiva do desenvolvimento fisiológico aparecerá. Deveria ser apenas cabelo, mas quando falamos de pessoas negras tem outro contorno.

Alvim, Muniz e Arcosy (2021) as dimensões raça, gênero e classe social que parecem invisíveis na produção de saberes em psicologia na consideração sobre a subjetividade necessitando de um olhar cuidadoso visto que essa negligência pode favorecer a visão individualizante do sujeito desconsiderando o olhar social necessário ao entendimento deste.

Fonseca (2020) sugere que o caminho do ajustamento criativo é o enquadramento aos padrões brancos, a necessidade de alisar o cabelo seja com química ou com intervenções térmicas. No fundo, a questão não é sobre o que desejo fazer com o cabelo e sim o que a sociedade branca espera dele.

Pensar o cabelo como corpo na clínica gestáltica fala do encontro possível desse sujeito, negro consigo mesmo, com suas escolhas. Usar o cabelo natural ou usar recursos será sempre uma possibilidade desde que esses ajustamentos criativos na perspectiva funcional, o sejam a parti de seus desejos e não na disfuncionalidade de serem aceitos numa sociedade ainda muito racista. Dito isto o cabelo, enquanto dor da mulher negra, a permissão em falar sobre isso, não apenas como futilidade estética, mas na particularidade do feminino das vivências e experiências desde a infância quanto ao cabelo podem chegar à clínica psicológica, entendendo que esse corpo que sobre através do cabelo, precisa ser visto e considerado.

Palavras-chave : corpo; cabelo; gestalt-terapia; mulheres negras



## **GESTO: VERBO CORPORAL, EXPRESSÃO, NARRATIVA CORPORIFICADA**

FLAVIA SILVA

A proposta dessa roda de conversa é debater o gesto corporal como expressão, verbo em movimento. Pensar o gesto espontâneo relacionado com nossa singularidade no mundo. De acordo com Laura Perls (1994) o gesto espontâneo é marcado por nosso estilo, enquanto a performance gesticulativa enformada é ligada a normatividade e seriam maneirismos, fixações. Nesse trabalho iremos trabalhar com gestos corporais ligados a gênero e como de alguma maneira pensamos o corpo a partir de uma lógica que cria narrativas gestuais específicas para cada gênero, aqui focaremos no corpo dito mulher. Nesse sentido iremos ponderar que corpos são autorizados a narrar determinadas expressões de mulheridades. Tendo no termo mulheridades a construção de bell hooks (2020), em que mulheres negras não se enquadravam na normativa eurocentrada e com isso não eram vistas como mulheres antes de serem vistas como negras. Dessa forma iremos pensar que determinadas mulheres tem sua condição de mulheridade desvalorizada, tem seu corpo em uma narrativa corporal rotulada em vivências questionadas: mulheres trans, travestis, lésbicas, mulheres intersexo, mulheres que são enlouquecidas em um sistema que nos coloca como irracionais, ou ainda, as profissionais do sexo que são marginalizadas em suas profissões, uma vez que mulheres não tem autorização para expressar sexualidade, quando o fazem ganhando dinheiro passa pelo campo da moralidade. Todas essas mulheres tem suas mulheridades questionadas, seu gesto narrativo de existência mulher é de alguma forma marginalizado, são corpos não autorizados a existência. Há na cultura uma espécie de fôrma sociocultural que pode criar fixações, de acordo com PHG (1997) tais fixações também são parte do que é humano e tem sua antropologia. De acordo com os autores quando falamos de neuroses sociais é exatamente no modo de vida visto como comum que encontramos as fixações sintomáticas, dessa forma podemos dizer que construímos a ideia de gênero em um horizonte histórico antropológico de maneira a criar uma sintomatologia que diz respeito aos maneirismos ditos mulher.

Palavras-chave: Gesto; Narrativa Corporal; Mulheridades.

## **LUTOS INVISIBILIZADOS: DA FRONTEIRA COLONIZADORA À PRÁTICA DA ALTERIDADE**

VIVIAN CRISTINE MACHADO

Na fronteira, é possível apresentar-se e ao mesmo tempo fazer-se presente. Em uma perspectiva gestáltica, “a fronteira é compreendida como espaço-tempo de encontrar com a diferença e a oportunidade de criação e expansão” (Alvim, 2019, p.886). Na possibilidade de expansão de si no encontro com o outro – onde o outro é um sujeito de direitos – é possível pensar uma fronteira com suspensão de barreiras, permitindo passagem para o contra hegemônico e o dissidente. Doka (1999) trabalha com o conceito de luto não reconhecido, cuja perda não é ou não pode ser abertamente reconhecida, publicamente lamentada ou socialmente apoiada. A partir da proposta conceitual de Doka, utilizo-me do termo luto invisibilizado com base no meu entendimento de que a invisibilização é um processo contínuo e incessante de aniquilação de existências dissidentes e consequente fomento a uma necropolítica desenfreada, onde a invisibilização de corpos não desejados são lançados para o fundo da experiência de dor e sofrimento, bem como o direito ao pranto e ao luto.

Palavras-chave: lutos não reconhecidos; fronteira de contato; alteridade; gestalt-terapia

# **A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO COMO SISTEMA DE CRENÇAS E INTROJETOS: UMA INTERFACE ENTRE A PSICOLOGIA SOCIAL E A GESTALT-TERAPIA**

VANESSA DOS SANTOS SILVA BRITO  
JÚLIA ARRIGHI CAIAFFA MENDONÇA PERILLO DE FREITAS

Se, nos primórdios da mudança de ordenamento social feudal para disciplinar, o coletivo era fundamental para a sobrevivência da espécie humana, com a ascensão do capitalismo e as divisões de classe, a cooperação dá lugar à exploração do homem pelo homem. Isso deu sustentação à ideologia de gênero e fomentou a divisão de papéis entre homens e mulheres. A sexualidade não pode mais ser livre, pois é preciso garantir que o herdeiro seja legítimo, destituindo a mulher de seu próprio corpo e potência. A família monogâmica não surge como resultado do amor, mas como necessidade de apropriação patriarcal do doméstico, transformando-a em propriedade privada a serviço da manutenção do poder masculino. A pesquisa bibliográfica de caráter exploratório pretende: (1) articular conceitos da Psicologia Social e da Gestalt-terapia, como os introjetos e ajustamentos criativos em relação às Representações Sociais, crenças e atitudes; (2) discutir as formações de gênero como modos de subjetivação sustentados por sistemas de representações e crenças que, como introjetos, perduram ao longo do tempo; e (3) pensar as possibilidades de diálogo entre a Gestalt-terapia, as discussões sobre gênero e a Psicologia Social de base europeia. Na Gestalt-terapia, os processos existenciais são compreendidos no campo relacional e social. Os introjetos são ferramentas cruciais na manutenção das relações de poder e dos privilégios de determinados grupos. As crenças introjetadas reproduzem normas violentas contra identidades dissidentes e o gênero feminino, limitando sua expressão pessoal, econômica e política. Romper com as crenças e introjetos sobre papéis de gênero e a lógica binária amplia o horizonte crítico, favorecendo questionamentos para subverter a lógica capitalista e patriarcal. Inspirados na Gestalt-terapia, precisamos desconstruir padrões normativos, integrando ou eliminando crenças, criando possibilidades de resistência no cenário sexista que vivenciamos.

Palavras-chave: Gênero; Introjetos; Crenças; Gestalt-terapia.

# **INTROJEÇÃO E PESSOAS LGBT: NORMAS HEGEMÔNICAS E SENTIMENTO DE INADEQUAÇÃO**

VINÍCIUS MENDONÇA LIMA

Apesar das conquistas de direitos LGBT nas últimas décadas, expressões de LGBTfobia ainda são comuns em diversas instituições, inclusive nas famílias. A presença da LGBTfobia no ambiente familiar representa um risco significativo para a construção do autossuporte das pessoas LGBT.

Na perspectiva da Gestalt-terapia, a introjeção é vista como um mecanismo de interação entre o organismo e o ambiente, especialmente quando o organismo ainda não desenvolveu recursos para atender suas próprias necessidades. Nas fases iniciais do desenvolvimento, quando a mastigação ainda não está presente, o organismo recebe nutrição do jeito que é oferecida, sem transformá-la. Esse mesmo mecanismo também é responsável pela internalização de muitos valores morais.

As experiências vividas durante essa fase são cruciais para a construção do autossuporte. Quando o ambiente oferece material assimilável, isso favorece essa construção. No entanto, em casos de ambiguidade, hostilidade ou insuficiência de nutrição, a única opção é manipular a própria necessidade, ajustando-se ao que é recebido. Isso cria um funcionamento baseado no que foi internalizado do ambiente, em detrimento das necessidades genuínas e do sentido derivado das experiências próprias. As necessidades pessoais são substituídas pelo cumprimento de deveres.

Como a família é o principal ambiente de convivência nas primeiras fases do desenvolvimento, é nela que os primeiros valores são formados. Quando o ambiente familiar impõe normas rígidas de gênero e sexualidade, a percepção de inadequação a esses valores pode causar grande sofrimento, levando à introjeção desse sentimento de inadequação.

Este trabalho pretende discutir os desdobramentos da introjeção de normas hegemônicas em pessoas LGBT. Essas introjeções dificultam a confiança em si e nos outros, perturbando a expressão e a satisfação das necessidades pessoais, que são então substituídas por deveres impostos pelo ambiente.

Palavras-chave: Introjeção; LGBT; Hegemonia; Inadequação

# **CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CUIDADO: CAMINHOS TECIDOS GESTÁLTICAMENTE NUM GRUPO DE JOVENS MULHERES**

LAURA CRISTINA DE TOLEDO QUADROS  
LORRANA REIS

A vivência das mulheres é atravessada pela exigência de manter seu olhar voltado ao outro. Tal atravessamento afeta a forma como elas se relacionam consigo e com o meio, impactando na maneira como percebem o cuidado. Esse trabalho parte da pesquisa Versões do sofrimento construídas por jovens mulheres na contemporaneidade: articulações entre a teoria Ator-Rede e a clínica gestáltica em busca do cuidado como prevenção inspirado na Lógica do Cuidado (Mol, 2008), no PesquisarCOM (Moraes, 2010) e na Pesquisa Artesanal (Quadros, 2011, 2021), atua com mulheres e as costuras feitas por elas. O cuidado é entendido como processo a ser sustentado no contexto feminino, sendo passível de múltiplos sentidos que ampliam essa noção e subvertem a concepção normativa estabelecida. Como pensado por bell hooks (2022), é através da diversidade que é possível estabelecer o pertencimento, propiciando a percepção das dores e potências vividas. Nessa pesquisa, articula-se a Teoria Ator-Rede (Latour, 2012), que reconhece a importância do fluxo dos acontecimentos e a Gestalt-terapia, com sua base dialógica, caminhando com as mulheres envolvidas nesse percurso. Nas narrativas do grupo que envolviam o cuidado, ele apontava sempre para o outro. Porém, após articulações tecidas em grupo a compreensão dessas mulheres foi a de que elas podem ser incluídas no ato de cuidar, suscitando novas versões de uma mesma vivência resultando no sentimento de pertencer. Acompanhar mulheres envolve entender que o fazer clínico é localizado, indo de encontro com o caráter vivencial da abordagem gestáltica (Quadros, 2014), que entende as afetações compartilhadas com essas mulheres como geradoras de uma maior proximidade com o que surge no campo, destacando a potência no que é vivido, indo de encontro com o “entre” do vínculo, sendo este fazer que propicia a cura (Hycner; Jacobs, 1997). Como nos aponta Perls (1981), a psicoterapia busca a integração respeitando as singularidades, as diferenças.

Palavras-chave: Mulheres; Cuidado; Gestalt-terapia; Pertencimento; Narrativa.

## **#PRALERCIMG – GRUPOS DE LEITURA COMO ATO POLÍTICO**

VERONICA OTERO

Em 2018, a autora iniciou a um projeto de “Grupo de Leitura” como um espaço de acolhimento a mulheres, onde buscava dar voz e protagonismo a corpos que frequentemente precisam lutar por um espaço de igualdade. No dia 4 de novembro desse ano 9 mulheres se reuniram para ler o “Calibã e a Bruxa”, de Silvia Federici. Ali foi criado um ambiente seguro e acolhedor, com trocas que ocorreram de maneira horizontal. A metodologia do grupo consiste em encontros organizados via redes sociais. Em 2020 lemos online o livro “Lugar de Fala” da Djamila Ribeiro em meio às manifestações do movimento #blacklivesmatter que emergiu após o assassinato de George Floyd. Durante 2020 a 2022, o grupo se manteve de forma remota e em novembro de 2022, retomamos os encontros presenciais, agora ao ar livre. Nessa retomada o grupo recebeu o nome “QUE BOM TE VER VIVA” que é homônimo do filme de Lúcia Murat, no qual diretora reúne relatos de mulheres presas na ditadura e traz “cenas do cotidiano dessas mulheres que recuperaram, cada uma à sua própria maneira, os vários sentidos de viver”. O nome explicita o vínculo do trabalho com a Gestalt: o grupo é um espaço de troca existencial entre mulheres, que através de suas histórias, do que vivemos nos últimos anos e dos livros que lemos estão fazendo-se ou descobrindo a si mesmas. Este ano continuamos juntas lendo “O Pacto da Branquitude” de Cida Bento, no qual a autora sistematiza o genocídio da população negra, desvelando as relações de dominação relacionadas a branquitude. No contexto em que os direitos das mulheres estão em constante ameaça, é um ato político ocupar o espaço público com a presença feminina e coletiva. Segundo Silvia, há uma “política reprodutiva capitalista” que coloca a mulher em desvantagem em termos de autonomia no mundo hoje. Além do aspecto existencial do grupo, é possível fazer uma relação com a teoria de campo e com a perspectiva dialógica, que permeiam os encontros, nos temas escolhidos e nas trocas realizadas. A multiplicação de grupos de leitura nos últimos anos é um fenômeno de campo que fortalece a relevância do trabalho. A conclusão da autora é a necessidade de espaços coletivos de troca que sejam horizontais, onde as mulheres se sintam ouvidas, acolhidas e representadas. A continuidade de existência do grupo é o resultado principal do trabalho, pois em uma sociedade que hierarquiza sua população de forma a lhe conferir valor de uso, uma mulher usufruir de seu corpo e mente livremente é um movimento subversivo.

Palavras-chave: feminismo; reprodução do trabalho; grupos; mulheres; empoderamento

**EIXO TEMÁTICO:  
TERRITÓRIOS E  
INTERSECCIONALIDADES  
COMO SUBVERSÃO**

# **O FAZER GESTÁLTICO NO ATENDIMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR**

RALINE DOS SANTOS DE QUEIROZ

O presente trabalho traz como fundo a experiência de quatro anos atuando como psicóloga em um centro especializado de atendimento a mulheres em situação de violência doméstica e familiar, localizado em Duque de Caxias, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Os fundamentos gestálticos como autossuporte e heterossuporte, criatividade e o ciclo de contato me orientaram a compreender o fenômeno em figura da violência doméstica e familiar contra a mulher.

Mundialmente, as mulheres estão mais expostas a algum tipo de violência, especialmente por parte de parceiros íntimos (OMS, 2002). A violência contra a mulher pode ocorrer tanto no espaço público quanto no privado, contudo é no âmbito doméstico que assume aspectos mais cruéis e dramáticos, causando prejuízos individuais, familiares e sociais (DAY et al., 2003). A Lei 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha, tipifica cinco formas de violência contra a mulher: física, psicológica, moral, patrimonial e sexual (Brasil, 2006). A violência psicológica é a mais silenciosa, difícil de identificar e frequentemente negligenciada, por não deixar marcas visíveis. A naturalização da violência e a culpabilização das vítimas contribuem para que muitas mulheres não reconheçam a violência que sofrem, e o medo e a vergonha impedem-nas de denunciar seus agressores, perpetuando o ciclo de abuso (Zanello, 2019).

Nesse contexto, o acompanhamento psicológico torna-se fundamental para que essas mulheres encontrem um espaço seguro e livre de julgamentos para falar sobre suas dores e medos. É encontrar um corpo de afetos, uma escuta interessada e acolhedora, uma nova possibilidade para viver. Segundo Gimbo (2023), a própria relação terapêutica pode ter efeitos curativos, pois contribui para organizar e restaurar a autoconfiança e a credibilidade da vítima em si mesma. Nossa atuação eticamente deve estar implicada na resistência, no cuidado e no despertar do potencial criativo dessas mulheres.

Palavras-chave: Mulheres; Violência doméstica; Atendimento psicológico; Gestalt-Terapia



# **NASCE UMA FLOR NO CONCRETO: O TRABALHO DE SENSIBILIZAÇÃO DA GESTALT-TERAPIA EM AMBIENTE DE DISCIPLINA MILITAR**

GÉSSYCA ADRIANO DE SOUZA MARTINS

Onde a rigidez e a disciplina se sobrepõem a própria subjetividade, a Gestalt-terapia desponta, numa experiência de campo, trazendo sensibilidade e fluidez na rotina de crianças e adolescentes matriculados na Guarda Mirim de Armação dos Búzios, rompendo o rigor e o tratamento verticalizado que costumeiramente conduziam as atividades daquele grupo.

A proposta inicial, a convite do próprio Comando da Base da GM, era atender a demanda de cuidado emocional desses jovens e auxiliar em questões familiares e escolares. O que transcorreu foi um florescer da vida, onde pelo menos cem meninos e meninas fardados foram convidados a conhecerem mais de si, de seus colegas e das questões que atravessavam suas vivências pessoais e de sua comunidade. Foram convidados a tratar da individualidade num ambiente que incentiva a uniformidade, a padronização.

Jovens em situação de vulnerabilidade precisando de apoio emocional, muitas regras a serem seguidas e nenhum recurso oferecido além da própria vontade do encontro. Sem espaço adequado, sem material disponível para atividades, sem apoio público ou privado, sem muita teoria ou metodologia do que fazer com um grupo tão grande e tão diverso. Numa quadra coberta de um espaço público cedido pela prefeitura se davam os encontros. Momentos de afeto, leveza e conversas profundas. Os cabelos bem alinhados e as roupas engomadas se transformavam em fios soltos dos coques, em calças dobradas na canela, camisas desabotoadas e choros e gargalhadas livres de julgamento.

O “Sentido” se tornou “sentindo”, o “em forma” se tornava “boa forma” da Gravidez e, assim, nossos meninos e meninas eram convidados a pensar, falar e brincar; subvertendo a lógica de tropa em uniformidade, da padronização dos corpos e das vestimentas, da postura ensaiada e rígida. Ali, diante uns dos outros, cada um era seu próprio eu. A Gestalt-terapia emerge nessa proposta de acolhimento em sua primazia: um mergulho na experiência.

Palavras-chave: gestalt-terapia; grupos; infantojuvenil; militarismo; experiência

# **SONHOS SUBVERSIVOS DO AUTOCUIDADO: O CONTEXTO DA MULHER PERIFÉRICA NOS TERRITÓRIOS VULNERABILIZADOS**

JÉSSICA CAMELO

As reflexões apresentadas neste trabalho referem-se a uma ação realizada em 25/11/2021, em Duque de Caxias – RJ. Na ocasião, fui convidada por um coletivo de mulheres, em parceria com outros movimentos sociais, para realizar uma roda de conversa sobre “Autocuidado”.

Sabemos que uma simples palestra onde a proposta de educação se faz de forma bancária (FREIRE, 1987), não faz parte (ou não deveria fazer) da construção metodológica de um gestalt-terapeuta. Como psicóloga comunitária atuante no território, com formação em Saúde Coletiva e comprometida com o caráter interseccional e contra hegemônico das ações em saúde, minha proposta baseou-se na resignificação de concepções machistas pré-estabelecidas em nossa sociedade, que violenta e oprime mulheres.

O que, então, pôde ser feito? Ouvi e fui ouvida. Não no sentido de “dar voz”, pois já as possuem, “só” são silenciadas. Minha voz, hoje audível, somente ajudou no aumento do volume das outras. Neste encontro, constatamos que a valorização de nossos corpos, sobretudo o potencial cognitivo, cultural e político de nossa existência, está totalmente interligada a nossa forma de se ver e estar no mundo. Na ciência, o reconhecimento da diversidade presente nos saberes localizados está dentro de uma objetividade feminista (HARAWAY, 1995).

No fim, declamamos uma canção de Emicida, que proporcionou grande abrilhantamento em nosso bate-papo: “Uma boa promoção de fraldas nessas drogarias, o faz me rir na hora extra vinda do serviço, presentes feitos com guache e crepom lembra meu dia. Penso que os sonhos de Deus ‘deve’ ser tipo isso”

Foi interessante ver como o cotidiano, as experiências, assim como nossas subjetividades nos uniram naquela tarde. Vale ressaltar que, na Gestalt-terapia, “O que se propõe é um avanço do status quo, é o treino e a utilização de habilidades psíquicas que podem trazer uma melhora nas condições de vida” (MESQUITA, 2011, p. 66). Penso que nossos “sonhos subversivos” devem ser “tipo isso”!

Palavras-chave: Autocuidado; Vozes Silenciadas; Saberes Localizados; Status Quo; Gestalt-terapia

# **ANTIMANUAL DE PSICOPATOLOGIA ESTÉTICA - DECOLONIZAR PERCEPÇÕES, ACOLHER A DIFERENÇA E RESISTIR**

MÔNICA BOTELHO ALVIM  
JEAN-MARIE DELACROIX  
PAULO DE TARSO DE CASTRO PEIXOTO

O tema da Psicopatologização da Vida é central na contemporaneidade. O olhar patologizante sobre as diferenças se capilariza, obnubilando as percepções dos indivíduos e coletividades. Inspirados em Ailton Krenak diríamos que o programa de colonização das mentes e corações ainda se efetua no contemporâneo, o que está corroborado na noção de colonialidade. Discursos científicos são introjetados por práticas e saberes considerados como paradigmas universais que dominam e silenciam as vozes e as singularidades dos sujeitos em seus territórios de vida. A epistemologia eurocentrada que originou e sustentou esses discursos científicos é tributária dos processos de colonização e sua crítica avança a passos largos, exigindo discussões e propostas decoloniais. Urge ultrapassar a lógica colonial binária e hierarquizante produtora de normatividades que reforçam as posições dominantes em todos os âmbitos e reproduzidas no âmbito da psicopatologia. O movimento da mesa é o de, a partir de uma proposta de psicopatologia estética, produzir tensionamentos naquilo que está estabelecido como um “programa de percepções sobre o anormal” contribuindo para o campo da Gestalt-terapia e outras abordagens.

Decolonialidade, corpo e percepção.

O Antimanual de Psicopatologia Estética propõe descolonizar percepções para desterritorializar modos de sentir, pensar e perceber e resistir à psicopatologização da vida. A noção de colonialidade indica a presença de uma lógica colonial mesmo na ausência de colônias formais, um padrão colonial enraizado na estrutura social atuando nos processos de produção de subjetividades. A colonialidade do ser envolve a introdução e manutenção dessa lógica na experiência vivida, corporal, temporal e espacial, no mundo com o outro. A produção de estruturas binárias hierarquizadas com base em uma suposta natureza biológica, onde um dos polos representa a norma e o outro uma espécie de “minoridade residual”, marginalizando a diferença é um dispositivo dessa epistemologia eurocentrada que orienta os modelos dominantes de psicopatologia. Descolonizar exige abrir o corpo, desnaturalizar a percepção, visibilizar o invisível a partir de perspectivas situadas, pluriversais, com atitude crítica, conhecimento corporificado, o que se traduz em Franz Fanon: “ó meu corpo, faz de mim um sujeito que interroga”. Peixoto propõe “desembaçar sensibilidades”, “afetar, decolonizar e desterritorializar as percepções e sentidos cronificados”, no território vital do corpo no mundo com o outro. Se somos reduzidos a parâmetros normativos que patologizam a diferença, o corpo adormece e se desencanta.

Porém, a vida pode responder à norma escapando pelas frestas de formas inusitadas e reexistindo ao seu modo, transgredindo e ameaçando com sua novidade. Não patologizar, mas acolher essa novidade está no cerne da proposta gestáltica e exige uma ética da alteridade como amor pela diferença, abertura para o desconhecido e o risco, saber-se múltiplo e mutante. Exige também desvelar as forças do mundo disfarçadas de naturalidades, forças produzidas por estruturas de poder que colonizaram povos, dizimaram culturas e saberes, produziram uma falsa universalidade que se reflete na vida, na política, na ciência.

Provocações gestálticas: decolonizar a psicopatologia?

A Psicopatologia Estética, decolonial e da complexidade é um apelo à mudança de nossas percepções e de nossa compreensão do ser humano na sua relação com o mundo, na sua relação com o élan vital, o grande sopro de vida que nos dá vida para decolonizar a psicopatologia. É um chamado para redescobrir a alma do encontro, passando de uma psicopatologia “colonial” para uma psicopatologia estética e comunitária. Decolonizando a psicopatologia... Estaremos presos numa psicopatologia colonial? Seríamos implicitamente influenciados por uma ideologia colonial?

A Psicopatologia Estética, decolonial e da complexidade convida-nos a fugir dessa forma de colonialismo que confina uma palavra a um único significado, que dá uma certa visão do ser humano, engendrando uma ideologia dominante, aquela que predomina nos hospitais psiquiátricos e no ensino clássico de psicopatologia. Como Gestalt-terapeutas podemos questionar: precisamos da psicopatologia? Se sim, que tipo de psicopatologia? As diversas tentativas de tentar respondê-la permanecem, na minha opinião, ainda muito presas à psicopatologia clássica.

A Psicopatologia Estética, que tem como um de seus fundamentos a Gestalt-terapia, dá respostas a estas questões. O que chamamos de psicopatologia passa a ser o estudo do mundo sensível do ser humano e sua influência em nossas interações com nossos ambientes. O caminho proposto por essa perspectiva nos encaminha à compreensão de Paulo-de-Tarso: a psicopatologia estética como o conhecimento dos movimentos da força de vida dos contatos intermundos. Por esse prisma, a pesquisa nos reencaminha ao conhecimento das formas de produção dos contatos como uma Contatologia, ou seja, uma etologia estética dos contatos e suas implicações no campo da clínica e das experiências pela cidade.

Psicopatologia Estética e a Etologia dos Contatos – transgressões decoloniais dos corpos-subjetividades

Ao longo dos séculos, vemos uma certa “mania” de classificar tudo e todos. Mania que vem desde Aristóteles, passando pela Inquisição Católica na Idade Média, às formas de governar as subjetividades e corpos nas sociedades de soberania, às classificações da botânica do século XVIII, atravessando as classificações da medicina mental do século XIX que ressoam na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) e no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM).

Indagamos: que desejo é esse que, historicamente, toma a psicopatologia como a verdade sobre as experiências fenomênicas sensíveis humanas? Que forma-desejo é essa que, ao longo dos séculos, obnubila e coloniza as percepções, os corpos-subjetividades em seus modos de sentir, pensar e viver?

A psicopatologia tornou-se uma ideologia a ser seguida para orientar e ordenar fenômenos sensíveis considerados patológicos em nossa cultura e em todas outras? A psicopatologia classificatória é movida pelo 'proselitismo conformista e unanímista'? A Gestalt-terapia está, de alguma forma, colonizada por essa lógica?

A pesquisa Psicopatologia Estética, decolonial e da complexidade é um dos caminhos de reflexão sobre estas questões. Seguindo o fluxo de um pensamento descentrado, ético-estético-político, apresentamos uma pista fundamental para o processo de decolonização da psicopatologia que se apoia na teoria de campo em Gestalt-terapia: acompanhar os fenômenos que emergem das bordas intermundos, interfundos, das experiências de fronteira-contato. Propomos a Etologia dos fenômenos de bordas-contatos em suas expressões de potências intercorpos-subjetividades que trans-bordam vida!

Palavras-chave: decolonização; psicopatologia estética; corpos

# PORANDUBAS RODAS DE COMPARTILHAMENTOS

## Apresentação:

Da língua Tupi, Poranduba quer dizer história, notícia ou pergunta. Em 2024, adotamos um novo formato nesta edição do Congresso Estadual do Rio de Janeiro, onde todos os participantes tiveram a oportunidade compartilhar experiências e vivências durante o evento.

Tomando como fundamento a ética da coexistência das comunidades tradicionais afro-indígenas brasileiras, os espaços Poranduba como rodas de compartilhamentos, foram um momento onde os participantes se reuniram em grupos numa dinâmica de comunalidade e dialogaram sobre os aprendizados do dia, experiências e vivências. Nesse sentido, os “Poranduba – rodas de compartilhamentos” foram uma abertura de espaço-tempo para os compartilhamentos, como parte da programação, destinado ao encontro entre os participantes, cujo funcionamento seguiu o modelo de grupos processuais.

Para tanto, os congressistas foram distribuídos em grupos durante o credenciamento, denominados com a representação de um tribo indígena, e cada qual foi guiado por um facilitador (profissional experiente na condução de grupos). Apresentaremos, a seguir, os relatos realizados pelos facilitadores de cada grupo, a fim de tornar pública esta experiência, contribuindo não só com o registro histórico da Gestalt-terapia Carioca e Nacional, bem como proporcionando um referencial para aprimorá-la. Cumpre-nos dizer que experiências semelhantes a estas já ocorrem no exterior há muitos anos, mas segundo registros e relatos de profissionais da área, esta foi uma experiência precursora nos Congressos de Gestalt-terapia no Rio de Janeiro e, também, no Brasil.

Palavras-chave: roda de conversa, poranduba, relato de experiência, congresso, gestalt-terapia.

# PORANDUBA DESANA UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Por Selma Ciornai

A experiência de coordenar a Roda de Compartilhamento Poranduba foi muito boa, apesar do tempo ter sido muito apertado, realmente de uma próxima vez sugiro reservar 1:30h ou 2h para esta atividade. A sala estava cheia, e após explicar o objetivo e origem desta atividade, conduzi uma pequena introspecção pedindo que cada um rememorasse as experiências que teve, as atividades das quais participou, e percebesse o que mais havia lhe tocado, o que mais havia lhe mobilizado. Daí pedi que se dividissem em grupos de 4,5 pessoas e fizessem círculos, nos quais pudessem compartilhar suas experiências e impressões mais marcantes do congresso até aquele momento, pedindo que os integrantes não só escutassem uns aos outros/as, mas que também o grupo ficasse à vontade para compartilhar os ecos e ressonâncias que surgissem a partir destes depoimentos. Passado um tempo (que fui monitorando), solicitei que cada grupo escolhesse 1 representante que contasse quais foram o ou os tópicos que mais reverberaram no grupo.

Isso feito, representantes de cada grupo falaram. Alguns grupos conseguiram sintetizar os encantamentos com o que tinham assistido até o momento em uma fala. Outros não, compartilharam os tópicos que surgiram. Um grupo compartilhou a experiência de um deles de ter ido assistir à performance de um grupo de teatro que foi cancelada devido à falta de plateia (só ele presente), o que gerou questionamentos sobre porque este evento foi agendado concomitante a duas mesas com 3 participantes VIPs. E um último grupo fez uma performance representando a experiência deste Congresso (críticas e indignações seguidas de encontros e abraços amorosos). No final tivemos que apressar muito o término, os apresentadores do próximo horário já haviam entrado na sala, em resumo, foi legal todos poderem se manifestar e serem escutados, mas o tempo foi exíguo.

# PORANDUBA KAIAPÓS

## UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Por Eleonôra Torres Prestrelo

Alguns dias antes de se iniciar o congresso, fui convidada por Renata Cristian para coordenar uma roda de conversa, uma atividade denominada nesta edição de Poranduba: Kaiapós, numa alusão à prática desses povos originários de, numa roda, compartilhar o vivido. Dizia em sua programação: “(...) oportunidade de compartilhar experiências e vivências durante o evento. Tomando como fundamento a ética da coexistência das comunidades tradicionais afro-indígenas brasileiras, (...) em que terão a oportunidade de dialogar sobre os aprendizados do dia, experiências e vivências. O espaço pretende oferecer uma oportunidade de crescimento e acolhimento.” Aceitei o convite, apoiada na experiência de coordenar grupos em rodas de conversa, rodas de cuidado, grupos terapêuticos numa abordagem gestáltica, fazer que tem me acompanhado durante a vida. Ao pesquisar sobre a cultura dos Kaiapós, contos, mitos etc., cheguei a um vídeo que retratava uma de suas manifestações, <https://youtu.be/TQNMkjnjq-w>. A cadência deste canto me abraçou, achei um bom recurso para iniciarmos a roda. Na hora de iniciar, pedi para que fosse colocado. No ritmo cantante desses povos as pessoas foram entrando na sala, se acomodando, mudando a sintonia de lugares outros que estavam no congresso. A sala era grande, cadeiras arrumadas em círculo, fomos mais de 40 pessoas, imagino. Iniciei falando um pouco da proposta dessa roda e pedi para que nos déssemos as mãos, primeiro movimento entre nós ali, e que, em contato, falássemos uma palavra que sintetizasse o que estávamos sentindo. E depois, ao nos sentarmos, pedi para que trouxessem para a roda os atravessamentos vividos até o momento. Todas(os) falaram, o que foi muito gratificante e o tom predominante das falas era de confirmação na escolha dessa abordagem, afetos, preenchimento, encontro, afirmação... Finalizamos num abraço circular onde, em voz alta, afirmamos o que levaríamos dali. Não posso deixar de registrar o que, na comunalidade desta roda ficou marcado, o reconhecimento do congresso como um lugar de encontros reais, a volta a “encarnação” de uma 2 forma de fazer Gestalt Terapia da qual, talvez, tenhamos nos distanciado nos últimos encontros.



# PORANDUBA TAULIPANG UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Por Paula Nascimento

A roda de Poranduba foi idealizada pela equipe organizadora do Congresso Estadual de Gestalt-Terapia do Rio de Janeiro como um espaço de trocas e reflexões. A convite da organização, mediei uma das seis salas desse formato, com a proposta de promover o compartilhamento em um ambiente acolhedor e participativo. Inspirada pelos princípios da Gestalt, a dinâmica visou promover a presença, a escuta ativa e o fortalecimento das relações humanas.

Para estruturar os 60 minutos disponíveis, organizei no centro da sala uma roda com 11 cadeiras vazias, enquanto os demais participantes se acomodaram ao redor. À medida que os participantes chegavam, expliquei que aquelas cadeiras eram um convite para quem desejasse contribuir mais ativamente. Alguns se posicionaram intencionalmente, enquanto outros, sem perceber, ocuparam os assentos centrais. Ainda assim, todos aceitaram permanecer, o que trouxe uma dinâmica natural e espontânea.

Com as cadeiras ocupadas, iniciei a atividade com uma breve apresentação pessoal e contextualizei o propósito do encontro. Utilizando perguntas abertas como estímulo inicial, como: “O que mais te tocou até agora neste encontro?” e “As expectativas que trouxe consigo foram alcançadas?”. O ambiente foi cuidadosamente preparado para favorecer a segurança e a espontaneidade, com disposições circulares e intervenções mínimas por parte da facilitadora. criar um espaço para os participantes expressarem suas vivências no evento, refletirem sobre expectativas e experiências marcantes, e sugerirem ideias para edições futuras.

Os participantes do grupo central compartilharam, um a um, suas percepções e experiências, muitas vezes mencionando trabalhos que haviam assistido. Alguns reconheceram os apresentadores dos trabalhos assistidos entre aqueles que se sentaram fora da pequena roda ativa, o que gerou um interessante intercâmbio de feedbacks. Encorajei que falassem de si e do impacto das vivências no congresso, promovendo um clima de presença e escuta ativa.

Ao final, convidei os participantes do círculo externo a expressarem se sentiram representados pelas falas do pequeno grupo. A maioria respondeu positivamente, levantando as mãos.

Essa experiência trouxe à tona um rico contato com as vivências pessoais e a relação coletiva. Notavelmente, grande parte dos participantes estavam vivenciando seu primeiro congresso de Gestalt-Terapia, o que reforçou a potência desse espaço como um ponto de acolhimento, integração e troca genuína.

# PORANDUBA WAIJÂPI UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Por Jessé Guimarães da Silva

Distribuídas em 7 grupos, 64 pessoas compartilharam as experiências vividas no congresso, o que foi apresentado a partir de uma palavra, imagem ou algo semelhante ao final da atividade. Durante 35 minutos, cada grupo teve a oportunidade de compartilhar entre si, a partir de cada fala, as experiências vividas, até o presente momento, no congresso. Ao final deste tempo designado para o primeiro momento, cada grupo, de modo informal, elegeu um dos seus componentes para relatar o que fora compartilhado no interior de cada grupo. Entre as falas, destaque para um grupo que compreendia, a partir daquele congresso, a abordagem gestáltica como um lugar de pertencimento, “lugar onde me sinto bem”, tal como uma “casa” (SIC). Ainda sobre esta fala, destacou-se aquele evento como uma oportunidade de troca de experiências por intermédio do encontro de diferentes gerações. Aliás, acerca deste último tópico, outro grupo salientou, a partir do relato de uma de suas componentes, psicóloga com pouco mais de três décadas de experiência na abordagem, o quanto ela identificava naquele evento um número reduzido de profissionais conhecidos por ela diante de um contingente significativo de gestalt-terapeutas os quais ela não reconhecia, mas que ela os percebia com uma presença e atuação memoráveis naquele contexto. Aproveitando o ensejo, outro grupo destacou a ancestralidade como uma realidade presente e sentida entre os gestalt-terapeutas cariocas, o que parecia tornar aquele espaço uma oportunidade para cada um buscar, no encontro, um modo de “tornar-se quem se é”, a partir das histórias contadas e recontadas, naqueles dias, a respeito das raízes gestálticas. Por fim, a partir desta percepção, um determinado grupo escolheu e compartilhou com todos os presentes a música “Canto das 3 raças”, com Mariene de Castro, enquanto apontavam a necessidade de contar, narrar e não se calar a respeito das dores e sofrimentos vividos por aqueles que nos antecederam.